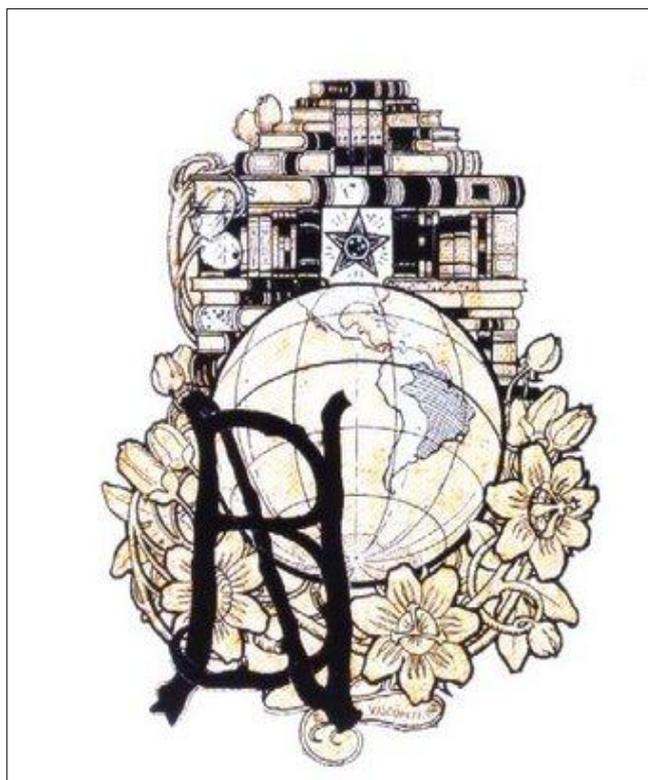


Fundação Biblioteca Nacional

Ministério da Cultura



Programa Nacional de Apoio à Pesquisa
2012

Programa Nacional de Apoio à Pesquisa

Fundação Biblioteca Nacional - MinC



Deise Maria Antonio Sabbag

*CAMINHO TEÓRICO-METODOLÓGICO DELINEADO PELO CURSO DE
BIBLIOTECONOMIA DA BIBLIOTECA NACIONAL*

*Aspectos teóricos que fundamentam o ensino de Organização e Representação do
Conhecimento no Brasil*

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO.....	03
1.1	Objetivos.....	05
1.2	Procedimentos Metodológicos.....	06
1.3	Plano de Trabalho e Cronograma.....	11
2	REVISÃO DE LITERATURA.....	13
3	HISTÓRICO DA BIBLIOTECONOMIA NO BRASIL.....	21
4	O CURSO DA BIBLIOTECA NACIONAL.....	27
5	PESQUISA DOCUMENTAL.....	36
5.1	Conteúdos Programáticos.....	42
	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	50
	REFERÊNCIAS.....	52

INTRODUÇÃO

No ano em que se encerravam as atividades comemorativas dos 100 anos de Biblioteconomia no país, olhar para o currículo da primeira escola de Biblioteconomia do Brasil, e da América Latina, era mergulhar em uma viagem na busca de sua trajetória e percurso. Foi buscar o documento de identidade historicamente construído do discurso sobre o ensino de Biblioteconomia no Brasil. Discurso com caráter socialmente construído, das formas de consciência e de conhecimento, com relações com estruturas sociais, institucionais e econômicas, que também são componentes históricos, sociais, contingentes e arbitrários.

Olhar para o currículo foi buscar responder questões intrínsecas a sua autobiografia. Desvelar quais foram os processos envolvendo os conflitos e disputas dos conhecimentos que compuseram o currículo. Questionar acerca dos valores sociais envolvidos no processo seletivo das disciplinas contempladas, e das não contempladas, porque essa forma de organização em detrimento de outra (SILVA, 2011).

Adentrar no discurso sobre o ensino de Biblioteconomia foi investigar um tema pouco tratado por pesquisadores e profissionais, pois os conteúdos de interesse para estudo e pesquisa concentram-se às questões técnicas e operacionais, com poucos esforços empreendidos para a educação bibliotecária (SOUZA, 2006). Seu campo científico apresenta, também, poucas pesquisas que visam seu fortalecimento enquanto Campo Científico (WEITZEL, 2009).

Mais quais seriam as razões de um discurso sobre ensino ainda tão pouco explorado? Talvez a complexidade do campo, mas algumas razões são apresentadas por Silva (1990), desde a década de 1990, e ainda continuam atuais como podemos perceber no estudo de Weitzel (2009).

Primeira, não existe um trabalho mais abrangente sobre o assunto. Segunda, não tem havido esforço para a contextualização da Biblioteconomia dentro de um quadro sócio-econômico-político, de modo a compreender-se o porquê de seu perfil enquanto Curso. Terceira, não há uma explicação satisfatória que justifique o seu currículo. Quarta, a dispersão dos poucos textos existentes propicia uma certa confusão para a compreensão mais ordenada da história do ensino da Biblioteconomia no Brasil (SILVA, 1990, p. 9).

Neste contexto, buscando contribuir com o preenchimento de algumas dessas lacunas, busca-se olhar o passado para entender o presente, para talvez, construir cenários para o futuro.

O interesse por esta investigação surgiu, especificamente de forma sistematizada, concreta e madura, no âmbito do projeto de pesquisa docente desta pesquisadora, apresentado para a Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), Departamento de Estudos e Processos Biblioteconômicos (DEPB) que atende a Escola de Biblioteconomia.

O projeto mencionado tinha como tema “Organização, representação e recuperação da informação: aspectos metodológicos e práticos do Tratamento Temático da Informação na dimensão da Análise Documental no universo científico e acadêmico brasileiro”¹ que continha em seu bojo de seus objetivos específicos dois diretamente relacionados ao assunto: “identificar nos currículos das escolas de biblioteconomia brasileiras as divergências e confluências terminológicas da área de Organização e Representação da Informação, construindo quadro teórico de análise e possíveis influências teóricas” e “criar uma Rede de Cooperação Brasileira para o Ensino e para a Prática de Organização e Recuperação da Informação”².

O foco da pesquisa esteve na Organização e Representação da Informação devido ao próprio percurso acadêmico desta pesquisadora. Seu percurso tem concentrado estudos desde a época da graduação, especialização, mestrado e, recentemente, doutorado, mas questões teóricas e metodológicas desta área. Um pequeno lastro que oferece condições para perceber as diversidades de teorias e métodos que apoiam as práticas atuais em Biblioteconomia no país.

De acordo com dados extraídos dos Conselhos Regionais de Biblioteconomia da 3ª Região, o país conta com 39 cursos de Biblioteconomia (26 públicos e 13 particulares). Com grande concentração de cursos na região Sudeste (17 cursos).

Apresenta, também, 14 cursos de pós-graduação (nível mestrado e doutorado acadêmicos, e mestrado profissional), dentre eles o mestrado profissional em Biblioteconomia da UNIRIO (CAPES, 2012).

¹ Projeto de Pesquisa aprovado pelo Colegiado do Departamento de Estudos e Processos Biblioteconômicos em sua 278 reunião, cadastrado no Sistema de Informação Acadêmica em 21/07/2011, recebendo o número de processo 000113/2011.

² O projeto foi contemplado, no ano de 2012, com dois bolsistas de Iniciação Científica /UNIRIO. Um deles desenvolveu sua pesquisa também no âmbito do ensino de Biblioteconomia, cotejo ORI.

Um país de dimensões continentais que expressa no currículo dos cursos de Biblioteconomia uma diversidade de entendimentos teóricos e metodológicos acerca da área de ORI. Entendimentos que podem ser comprovados, por exemplo, nos nomes das disciplinas que contemplam conteúdos semelhantes: Classificação, Catalogação; Representação Descritiva, Representação Temática; Organização do Conhecimento, Representação Descritiva, Sistemas de Organização do Conhecimento; Classificação Decimal de Dewey, Classificação Decimal Universal etc.

Neste sentido, algumas questões se configuram na atualidade acerca da sistematização da pesquisa nessa área. Quais perspectivas nortearam o ensino dessa disciplina antes de ser introduzida no currículo mínimo? Qual era a nomenclatura adotada no país? Quais teorias e métodos apoiaram suas práticas?

Partindo do pressuposto que o currículo é um território político, um espaço de poder e que carrega as marcas das relações sociais de poder, a proposta dessa pesquisa é identificar qual caminho teórico-metodológico (origem e fundamentos) o ensino de Organização e Representação do Conhecimento³ a partir do Curso de Biblioteconomia da Biblioteca Nacional.

O projeto justificou-se pela contribuição que trará para a Biblioteconomia no Brasil por meio da recuperação da história do Ensino de Biblioteconomia brasileiro criado pela Biblioteca Nacional - primeiro curso da América Latina e o terceiro do mundo (FONSECA, 2007). Justifica-se pela conexão estreita que estabelecerá com os 100 Anos do Curso de Biblioteconomia no Brasil. Justifica-se pela importância em mostrar a identidade de um curso no momento atual da sociedade em rede.

Para a realização da pesquisa as fontes dos acervos especiais da Biblioteca Nacional serão indispensáveis, pois será o acesso aos documentos das Divisões de Manuscritos, Obras Raras, Periódicos que possibilitarão a realização desta pesquisa.

1.1 Objetivos

Este projeto de pesquisa teve como objetivo geral delinear o caminho teórico-metodológico desenvolvido pelo Curso de Biblioteconomia da Biblioteca Nacional,

³ Adotou-se a terminologia “Organização e Representação do Conhecimento” por ser esta usada pela ISKO (International Society for Knowledge Organization) no seu I Capítulo brasileiro: I Congresso Brasileiro de Organização e Representação do Conhecimento.

especificamente os elementos de fundamentação teórico-prático do ensino de Organização e Representação do Conhecimento (ORC) no contexto brasileiro. Tendo como período de cobertura espaço-temporal 1915 a 1968 (primeira e segunda fase do curso) os objetivos específicos são:

- a) Identificar as teorias e métodos da Organização e Representação do Conhecimento a partir dos programas das disciplinas ministradas no Curso de Biblioteconomia da Biblioteca Nacional, bem como suas respectivas bibliografias;
- b) Identificar e analisar as práticas biblioteconômicas referentes à área Organização e Representação do Conhecimento registradas nos Relatórios Anuais da Biblioteca Nacional (muitos publicados nos Anais da BN).

1.2 Procedimentos Metodológicos

O método escolhido para a realização da pesquisa foi o estudo descritivo que permitiu a observação, o registro, a análise e a correlação dos fatos, oferecendo as relações, propriedades e características objetivadas na investigação.

O procedimento metodológico⁴ compreendeu a pesquisa em fontes primárias (levantamento bibliográfico e pesquisa documental) da Biblioteca Nacional correspondentes ao Curso de Biblioteconomia.

A princípio foi utilizado o Catálogo da BN, a Divisão de Manuscritos, Divisão de Obras Raras, e Divisão de Periódicos para a pesquisa dos:

- a) Documentos gerais do curso de Biblioteconomia (inscrição dos candidatos no curso, avaliações do curso, livro de atas das reuniões dos conselhos e comissões, LIVRO do pessoal da BN, pauta de notas dos exames dos alunos);
- b) Relatórios Anuais da Biblioteca Nacional;
- c) Programas do Curso de Biblioteconomia;
- d) Conteúdos programáticos do curso;
- e) Obras publicadas sobre biblioteconomia no período;
- f) Outros documentos (Lições de um curso sobre gravura de Aurélio Lopes de Sousa, Dissertações sobre a história dos livros manuscritos de Constâncio

⁴ O procedimento metodológico será o mesmo utilizado por Weitzel (2009) para o desenvolvimento da pesquisa “Origem e fundamentos do ensino do Desenvolvimento de Coleções do Brasil”, financiada pela Biblioteca Nacional.

Alves, Cadernos sobre Paleografia e Diplomática, Projeto de Reforma da
Biblioteca Nacional,

g) Anais da BN.

De acordo com o apresentado, nos relatórios preliminares, a seguinte
bibliografia foi utilizada:

ALVES, Constancio. **Dissertações sobre a história dos livros manuscritos**. Rio de Janeiro, [192-]. (Loc. I-48,5,9 – DM).

ALVES, Constancio. **Dissertações sobre a história dos livros manuscritos**. Rio de Janeiro: [s.n.], [192-]. Manuscrito.

ALVES, Constancio. Uso do couro na antiguidade como moeda e material de escrita –
resumo dos pontos sobre o papiro e o pergaminho. In:_____. **Dissertações sobre a história dos livros manuscritos**. Rio de Janeiro: [s.n.], [192-]. Manuscrito.

ALVES, Constancio. Palimpsesto. In:_____. **Dissertações sobre a história dos livros manuscritos**. Rio de Janeiro: [s.n.], [192-]. Manuscrito.

ALVES, Constancio. Miniatura. In:_____. **Dissertações sobre a história dos livros manuscritos**. Rio de Janeiro: [s.n.], [192-]. Manuscrito.

ALVES, Constancio. Formatos. In:_____. **Dissertações sobre a história dos livros manuscritos**. Rio de Janeiro: [s.n.], [192-]. Manuscrito.

ALVES, Constancio. Encadernacao. In:_____. **Dissertações sobre a história dos livros manuscritos**. Rio de Janeiro: [s.n.], [192-]. Datilografado.

ALVES, Constancio. Ornamentacao do livro. In:_____. **Dissertações sobre a história dos livros manuscritos**. Rio de Janeiro: [s.n.], [192-]. Manuscrito.

ALVES, Constancio. Crysographia. In:_____. **Dissertações sobre a história dos livros manuscritos**. Rio de Janeiro: [s.n.], [192-]. Manuscrito.

BIBLIOTECA NACIONAL (Brasil). Anexo A: quadro do pessoal em exercicio do
anno de 1895. Annaes da Bibliotheca Nacional, Rio de Janeiro, v. 18, 1896.

BIBLIOTECA NACIONAL (Brasil). A Biblioteca Nacional em 1910. relatorio. **Annaes da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro**, Rio de Janeiro, 1911, v. 33, p. 649-684.

BIBLIOTECA NACIONAL (Brasil). A Bibliotheca Nacional em 1911: relatorio. **Annaes da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro**, Rio de Janeiro, v. 34, 1912.

BIBLIOTECA NACIONAL (Brasil). A Bibliotheca Nacional em 1912: relatorio. **Annaes da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro**, Rio de Janeiro, v. 35, 1913.

BIBLIOTECA NACIONAL (Brasil). A Biblioteca Nacional em 1913: relatório. **Annaes da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro**, Rio de Janeiro, v. 36, 1914.

BIBLIOTECA NACIONAL (Brasil). A Biblioteca Nacional em 1914: relatório. **Annaes da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro**, Rio de Janeiro, v. 37, 1915.

BIBLIOTECA NACIONAL (Brasil). A Biblioteca Nacional em 1915: **relatório**. **Annaes da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro**, Rio de Janeiro, v. 38, 1916.

BIBLIOTECA NACIONAL (Brasil). A Biblioteca Nacional em 1916: **relatório**. **Annaes da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro**, Rio de Janeiro, v. 39, 1917.

BIBLIOTECA NACIONAL (Brasil). A Biblioteca Nacional em 1917: **relatório**. **Annaes da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro**, Rio de Janeiro, v. 40, 1918.

BIBLIOTECA NACIONAL (Brasil). A Bibliotheca Nacional em 1918 e 1919: relatórios. **Annaes da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro**, Rio de Janeiro, v.41/42, 1919/1920.

BIBLIOTECA NACIONAL (Brasil). A Bibliotheca Nacional em 1920 e 1921: relatórios. **Annaes da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro**, Rio de Janeiro, v.43, 1921/1922.

BIBLIOTECA NACIONAL (Brasil). A Bibliotheca Nacional em 1923: relatório. **Annaes da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro**, Rio de Janeiro, v. 45, 1923.

BIBLIOTECA NACIONAL (Brasil). A Biblioteca Nacional em 1932: relatório. **Anais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro**, Rio de Janeiro, v. 54, 1932.

BIBLIOTECA NACIONAL (Brasil). A Biblioteca Nacional em 1933: relatório. **Anais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro**, Rio de Janeiro, v. 55, 1933.

BIBLIOTECA NACIONAL (Brasil). A Biblioteca Nacional em 1934: relatório. **Anais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro**, Rio de Janeiro, v. 56, 1934.

98

BIBLIOTECA NACIONAL (Brasil). A Biblioteca Nacional em 1935: relatório. **Anais da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro**, Rio de Janeiro, v. 57, 1935.

BIBLIOTECA NACIONAL (Brasil). A Biblioteca Nacional em 1936: relatório. **Anais da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro**, Rio de Janeiro, v. 58, 1936.

BIBLIOTECA NACIONAL (Brasil). A Biblioteca Nacional em 1937: relatório. **Anais da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro**, Rio de Janeiro, v. 59, 1937.

BIBLIOTECA NACIONAL (Brasil). A Biblioteca Nacional em 1938: relatório. **Anais da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro**, Rio de Janeiro, v. 60, 1938.

BIBLIOTECA NACIONAL (Brasil). A Biblioteca Nacional em 1939: relatório. **Anais da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro**, Rio de Janeiro, v. 61, 1939.

BIBLIOTECA NACIONAL (Brasil). **A Biblioteca Nacional em 1940: relatório. Anais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro**, Rio de Janeiro, v. 62, 1940.

BIBLIOTECA NACIONAL (Brasil). **A Bibliotheca Nacional em 1929**: relatório que ao Sr. Dr. Augusto de Vianna do Castello ministro da justiça e negócios interiores apresentou em 15 de fevereiro de 1930 o director geral Dr. Mario Behring. Rio de Janeiro, 1930. Datilografado.

BIBLIOTECA NACIONAL (Brasil). **Cinquenta anos de biblioteconomia, 1915-1965**:

Exposição comemorativa do cinquentenário dos cursos de biblioteconomia da Biblioteca Nacional. Rio de Janeiro: 1965.

BIBLIOTECA NACIONAL (Brasil). **Constâncio Alves**. 1915a. 1 fotografia, p&b.

BIBLIOTECA NACIONAL (Brasil). **Guia da Biblioteca Nacional**: sesquicentenario – 1810-1960. Rio de Janeiro, [1960]. 64 p.

BIBLIOTECA NACIONAL (Brasil). **Livro do pessoal da B.N., com indicação do cargo datas e nomeações e saídas, idade, naturalidade, entre outros**. Rio de Janeiro: [s.n.], 1902. Manuscrito.

BIBLIOTECA NACIONAL (Brasil). **Livro com guias de assistência social dos funcionários da B.N.** Rio de Janeiro: [s.n.], [1946-1950]. Datilografado.

BIBLIOTECA NACIONAL (Brasil). **Mesa que presidiu á solenidade da inauguração do curso de biblioteconomia, na Biblioteca Nacional, em 10 de abril de 1915**. 1915b. 1 fotografia, p&b.

BIBLIOTECA NACIONAL (Brasil). **Programma de Bibliographia**. Rio de Janeiro: [s.n.], 1936.

BIBLIOTECA NACIONAL (Brasil). **Programmas do curso de Bibliotheconomia para o anno de 1917**. Rio de Janeiro, 1917. 8 p. 99

BIBLIOTECA NACIONAL (Brasil). **Relação nominal dos professores e assistentes e auxiliares de ensino dos cursos de Biblioteconomia da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: [s.n.], [194-].

BIBLIOTECA NACIONAL (Brasil). **Relatório apresentado ao Snr. Diretor da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, pelo bibliotecário da classe J, João Carlos Moreira Guimarães, respondendo pelo expediente da 4ª Secção e relativo ao mês de fevereiro de 1941**. Rio de Janeiro: [s.n.], 1941a.

BIBLIOTECA NACIONAL (Brasil). **Relatório apresentado ao Snr. Diretor da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, pelo bibliotecário da classe J, Pedro Rodrigues da Cunha, servindo de Diretor da 4ª Secção e relativo ao mês de janeiro de 1941**. Rio de Janeiro: [s.n.], 1941b.

BIBLIOTECA NACIONAL (Brasil). **Relatório correspondente ao ano de 1947 apresentado ao sr. chefe de Leitura Geral e Referência em janeiro de 1948.** Rio de Janeiro: [s.n.], 1948.

BIBLIOTECA NACIONAL (Brasil). **Requerimento ao diretor da Biblioteca Nacional Manuel Cícero Peregrino da Silva, pedindo inscrições no curso de Biblioteconomia.** Rio de Janeiro, 1906-1918. [88 p.]. 58 documentos.

BIBLIOGRAFIA GERAL

BARITÉ, M. Organización del conocimiento: un nuevo marco teórico-conceptual en Bibliotecología y Documentación. In: CARRARA, K. (Org.). **Educação, universidade e pesquisa.** Marília: Unesp-Marília-Publicações, 2001. p. 35-60.

CAPES. COORDENAÇÃO DE APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL DO ENSINO SUPERIOR. Relação do cursos recomendadas e reconhecidos: grande área ciências sociais aplicadas. 2012. Disponível em: <
<http://conteudoweb.capes.gov.br/conteudoweb/ProjetoRelacaoCursosServlet?acao=pesquisarles&codigoArea=60700009&descricaoArea=CI%CANCIAIS+SOCIAIS+APLICADAS+&descricaoAreaConhecimento=CI%CANCIA+DA+INFORMA%C7%C3O&descricaoAreaAvaliacao=CI%CANCIAIS+SOCIAIS+APLICADAS+I>>. Acesso em: 25 setembro 2012.

CHARTIER, R. **Leituras e leitores na França do Antigo Regime.** São Paulo: Ed. UNESP, 2004.

DAHLBERG, Ingetraut. Knowledge organization: a new science? **Knowledge Organization**, Frankfurt, v.33, n.1, p. 11-19, 2006.

DAHLBERG, Ingetraut. Knowledge organization: its scope and possibilities. **Knowledge Organization**, Würzburg, v. 20, n.4, p. 211-222, 1993.

FUJITA, M. S. L. . Organização do conhecimento: algumas considerações para o tratamento temático da informação. In: Kester Carrara. (Org.). **Educação, universidade e pesquisa.** Marília: UNESP-Marília-Publicações, 2001, v. , p. 29-34.

GUIMARÃES, José Augusto Chaves. Perspectivas de ensino e pesquisa em organização do conhecimento em cursos de biblioteconomia do Mercosul: uma reflexão. In.: ENCUESTRO DE EDIBIC, 5., 2000, Granada. **La formación de profesionales e investigadores de La información para La sociedad del conocimiento:** actas... Granada: Univeresidad de Granada, Facultad de Biblioteconomia y Documentación, 2000, p. 206-216.

HJORLAND, Birger. Fundamentals of knowledge organization. **Knowledge Organization**, v.30, n.2, p. 87-111, 2003.

HJORLAND, B. Nine principles of knowledge organization. In: ALBRECHTSEN, H.;

ORNAGER, S. (Ed.). **Knowledge organization and quality management**. Frankfurt/Main: Indeks, 1994. p. 91-100. (Advances in Knowledge Organization, v. 4).

MAI, J.-E. Classification in context: relativity, reality, and representation. **Knowledge Organization**, Würzburg, v. 31, n. 1, p. 39-48, 2004.

MIRANDA, M. L. C. A organização do conhecimento e seus paradigmas científicos: algumas questões epistemológicas. **Informare: Cadernos do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 2, p. 64-77, 1999.

PINHO, F. A. **Fundamentos da organização e representação do conhecimento**. Recife: UFPE, 2009

RAFFERTY, P. The representation of knowledge in library classification schemes. **Knowledge Organization**, Würzburg, v. 28, n. 4, p. 180-191, 2001.

SILVA, T. T. **Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo**. 3.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

SOUZA, F. C. O discurso sobre a educação em Biblioteconomia e Ciência da Informação no Brasil: caminhos teóricos-metodológicos para a compreensão. In: CUNHA, M. V.; SOUZA, F. C. **Comunicação, gestão e profissão: abordagens para o estudo da Ciência da Informação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006. p. 151-172.

SOUZA, F. C. **O ensino da Biblioteconomia no contexto brasileiro**. Florianópolis: UFSC, 1990.

WEITZEL, S. R. **Origem e fundamentos do ensino do Desenvolvimento de Coleções: a partir da 1ª fase do Curso de Biblioteconomia da Biblioteca Nacional**. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 2009. Relatório de Pesquisa.

1.3 Plano de trabalho e cronograma

O plano de trabalho original (descrito a seguir) foi modificado ao longo o desenvolvimento do trabalho.

1 – Levantamento Bibliográfico (Identificação das fontes primárias na BN): dez. 2012 a jan. 2013.

2 – Identificação das práticas biblioteconômicas (Anais da BN): fevereiro a abril de 2013.

3 – Análise dos conteúdos (programas, Anais da BN e literatura): Março a Junho de 2013.

4 – Elaboração da bio-bibliografia dos docentes do curso: Junho a Agosto de 2013.

5 – Redação do documento final: Setembro a Novembro de 2013.

Quadro 1 – Cronograma da Pesquisa

Atividades	2012	2013										
	D	J	F	M	A	M	J	J	A	S	O	N
1												
2												
3												
4												
5												

Fonte: Elaborado pela autora (2012)

2 REVISÃO DE LITERATURA

O progresso teórico e científico da Organização do Conhecimento (OC) possui uma trajetória considerada por alguns autores como não teórica, fragmentada. Isso devido a coexistência de diversas linhas de pensamento como destaca Hjørland (2003). Para realização deste trabalho consideramos de acordo com Dahlberg (2006) que suas principais fundamentações teóricas são:

- a) O trabalho de Ranganathan acerca da análise em facetas visando à categorização e regras de combinação de conceitos, parcialmente previstas por Otlet e La Fontaine quando criaram os auxiliares, que posteriormente propiciaram a revisão e expansão do Dewey Decimal Classification;
- b) O trabalho de Wüster ⁵no que diz respeito à formação do sistema com base nas duas formas hierárquicas de sistemas de conceitos, utilizando a lógica de Port Royal⁶

De acordo com Dahlberg (2006), a concepção inicial dos sistemas de classificação universais e especializados, que eram baseados mais na intuição do que em fundamentos teóricos, faz com que a área de Organização do conhecimento se desenvolva de uma arte intuitiva para uma nova disciplina.

Mas consideramos, também, que em seu contexto histórico, a OC está relacionada com a história do livro e da escrita, uma vez que entendemos que o processo de leitura influencia a reflexão do indivíduo, que com toda a sua bagagem e cultura, constrói o conhecimento.

O surgimento da leitura e da escrita proporcionou uma mudança cultural nas sociedades ocidentais, que utilizavam os mais variados meios para se expressar (imagem, linguagem codificada e etc.), tudo isto com o objetivo de compartilhar suas vivências, ou seja, compartilhar o conhecimento. Essa mudança facilitou a produção

⁵ Eugen Wüster desenvolve a Teoria Geral da Terminologia (TGT) com base na sua tese *Internationale Sprachnorming in der Technik* (Normalização Internacional da Terminologia Técnica), 1931. Considerado o pai da terminologia moderna e fundador da Escola de Terminologia de Viena.

⁶ A *Lógica* de Port-Royal propõe os termos de uma questão fundamental: a das possíveis incompreensões da representação, seja por falta de "preparação" do leitor (o que remete às formas e aos modos de inculcação das convenções), seja pelo fato da "extravagância" de uma relação arbitrária entre o signo e o significado (o que levanta a questão das próprias condições de produção das equivalências admitidas e partilhadas (CHARTIER, 1991, p. 185). Para os gramáticos da Port-Royal, a língua é um sistema de signos. "As palavras e expressões são invólucros das ideais, a língua exterioriza essa lógica, [...] daí a gramática fundir-se com a lógica" (ARAÚJO, 2004, p. 21 apud CERVANTES, 2009, p.33).

dos registros do conhecimento, e o direito ao acesso a estes registros possibilitou ao indivíduo o desenvolvimento de suas atividades.

Assim sendo, a organização do conhecimento surge com a necessidade de organização desses registros, deixando claro que ela não é uma necessidade atual, mas sim algo que veio surgindo junto com a evolução da sociedade (CHARTIER, 2004, p. 191).

O objeto de estudo e conceito da Organização do Conhecimento ainda não alcançou um consenso entre os pesquisadores da área. Quando falamos em Organização do Conhecimento, falamos do conhecimento registrado e divulgado. Para Guimarães (2000, p. 208) a Organização do Conhecimento enquanto área de pesquisa, tem seu objeto de estudo focado sobre algo “o qual existe um certo consenso social”.

Desse modo faz-se necessária a organização desse conhecimento registrado, para que possa ser recuperado e disponibilizado, com a finalidade de gerar novos conhecimentos (GUIMARÃES, 2000).

Dahlberg (1993, p. 204) diz que “estamos vivendo em um mundo inundado por informação que necessita ser urgentemente *ordenada* e *compilada* para *disponibilizar* conhecimento, não somente o conhecimento pessoal, mas o interpessoal, objetivo e público também”.

A partir disso alguns pesquisadores da área apresentam conceitos para Organização do Conhecimento e as suas formas de recuperação e representação.

Em sequência elencamos alguns autores citados por Pinho (2009, p.35-36):

Quadro 2 – Conceitos de Organização do Conhecimento

AUTOR	CONCEITO	ÂMBITO
Hjorland (2003, p. 87)	“Significa especialmente a organização da informação em registros bibliográficos, incluindo índices de citação, texto completo e internet”.	Comunidade de Biblioteconomi a e Ciência da Informação
Smiraglia (2002, p. 331)	“Ramo do conhecimento da construção de ferramentas para o armazenamento e recuperação de entidades documentárias”.	Biblioteconomi a e Ciência da Informação
Barité (2001, p.	“Como disciplina dá conta do desenvolvimento de técnicas para a construção, a gestão, o uso e a	

41)	avaliação de classificações científicas, taxonomias, nomenclaturas e linguagens documentárias”.	-----
Sigel (2000)	“A Organização do Conhecimento é uma atividade cultural interdisciplinar, que adiciona valor informacional às <i>coleções</i> que tem conhecimento”.	-----
Anderson (1996, p. 337)	“Descrição de documentos, seu conteúdo, características e propósitos, e a organização dessas descrições, para fazer destes documentos e de suas partes acessíveis às pessoas, buscando-os ou as mensagens que eles contêm [...] cerca todo tipo e método de indexação, resumo, catalogação, classificação, gerenciamento de registros, bibliografia e criação de bases de dados textuais ou bibliográficos para a recuperação da informação”.	-----
García Marco (1995, p 220)	“Disciplina científica (isto é, sujeita ao método científico) e social, de caráter aplicado”.	-----
Estevan Navarro (1995, p.66)	“Organização do conhecimento apresenta-se como uma plataforma de integração das ciências documentais”.	-----

Fonte: Elaborado pela autora.

Miranda (1999, p. 69) diz que,

a Organização do Conhecimento se constitui em disciplina científica, inter e transdisciplinar, cujo objetivo é gerir e difundir em nível de excelência a informação no âmbito dos arquivos, bibliotecas, centros de informação\documentação e museus. Pressupõe análise, reflexão e aplicação de fundamentos científicos.

Os conceitos acima descritos demonstram, principalmente no âmbito das bibliotecas, um desenvolvimento histórico da organização e representação do conhecimento pelos tempos.

Através dos assuntos abordados anteriormente, podemos ter elementos que permitam desenvolver uma discussão a respeito dos fundamentos teóricos que envolvem a área de Organização do Conhecimento. Também, é inegável sua diversidade conceitual e o impacto de seus resultados para a organização do conhecimento de outras áreas científicas (FUJITA, 2001, p. 5).

Analisando o seu contexto histórico verificamos que muitos instrumentos de organização e representação do conhecimento foram estruturados de acordo com uma determinada época, um dado idealizador e uma posição filosófica assumida.

Temos como exemplo, Paul Otlet e La Fontaine que contribuíram ao usarem a vírgula separando o sujeito da ação com a ideia do controle bibliográfico universal na tentativa de reunir, descrever e sistematizar o conhecimento produzido, a fim de localizá-lo e disponibilizá-lo.

Esse trabalho apresenta a premissa de um dos fundamentos teóricos da Organização do Conhecimento que reside no fato de que qualquer organização do conhecimento está baseada em unidades do conhecimento, conhecidas como conceitos. Os conceitos, por sua vez, são compostos de elementos, conhecidos como características do conceito (DAHLBERG, 1993, p. 211).

Para que possamos entender o progresso dos estudos em Organização do Conhecimento, precisamos entender o seu próprio significado e sua abrangência dentro da Ciência da Informação e da Biblioteconomia.

Entretanto, como já foi dito anteriormente, é difícil esboçar o progresso teórico e científico da área, visto que muitos pesquisadores seguem linhas de pensamentos diferentes, o campo apresenta-se fragmentado, o que causa a falta de uma melhor fundamentação teórica sobre a própria área, tais como: conceitos, critérios para inclusão de classes, significação, indexação, relações semânticas, assuntos, pontos de acesso por assunto, entre outros (PINHO, 2009, p.37-38).

Para Fujita (2001, p. 29), “os sistemas de classificação idealizados com base em concepções da teoria do conhecimento marcam os primórdios da organização do conhecimento em Biblioteconomia e Documentação”.

A partir daí Mai (2004, p. 39) “diferencia teoria da classificação⁷ moderna da pós-moderna, apontando que, enquanto a classificação moderna visa a representar o universo do conhecimento, a pós-moderna visa a fornecer uma ferramenta pragmática para domínios específicos”.

Rafferty, (2001, p. 184) afirma que

os esquemas de classificação bibliográficos são produtos de seu tempo e de seus criadores, influenciados pelos momentos histórico e sócio-político nos quais vivem. Os esquemas de classificação gerais e universais foram construídos tendo como base filosófica uma visão

⁷ Teoria da classificação é freqüentemente encontrada na literatura como idéias ou princípios de classificação (SMIRAGLIA, 2002, p. 330).

de que o ser humano é o foco central do universo, que acredita no progresso através da ciência e da pesquisa e que privilegia a documentação escrita sobre outras formas.

Nesse contexto, o desenvolvimento da área está relacionado com o progresso da tecnologia da informação; porém, isso revela um sinal de crise, pois o desenvolvimento não está ocorrendo pela sua própria pesquisa.

De acordo com Hjørland, 2003, (p. 88-91)

o progresso da Organização do Conhecimento é influenciado por cinco estágios direcionados pela tecnologia da informação, a saber: indexação manual e classificação em bibliotecas e serviço de referência; documentação e comunicação científica; armazenamento e recuperação da informação por computadores; recuperação baseada em citação e Organização do Conhecimento; texto completo, hipertexto e internet.

Neste sentido, a Organização do Conhecimento envolve dois tipos de organização (HJØRLAND, 2003, p. 93):

- a organização intelectual do conhecimento (ou organização cognitiva do conhecimento): que utiliza conceitos e teorias;
- organização social do conhecimento: que é a organização em profissões, negócios e disciplinas⁸.

Esses dois tipos de organização fazem com que existam diferentes teorias e estruturas conceituais a esse respeito.

No que se refere aos métodos de organização do conhecimento, é necessário fazer a distinção entre classificação nas ciências e na Ciência da Informação, uma vez que os métodos da Organização do Conhecimento em Ciência da Informação estão relacionados aos mesmos paradigmas fundamentais da epistemologia, como, por exemplo, os métodos de classificação em ciências e outros campos, implicando em uma discussão fundamental de base ligada à discussão de diferentes teorias epistemológicas (HJØRLAND, 2003, p. 104).

Neste sentido, Hjørland (1994, p.91-100) estabelece nove princípios de organização do conhecimento com objetivo de minimizar os problemas de busca e recuperação da informação, a saber:

⁸ Hjørland (2003, p. 93) continua explicando que o primeiro tipo de organização admite conceitos científicos, teorias e campos como reflexo de uma realidade neutra e objetiva (a “ciência como espelho”, relacionada ao racionalismo), ao passo que o segundo tipo de organização aceita conceitos científicos, teorias e campos como ferramentas úteis construídas de forma a permitir aos seres humanos acomodarem as demandas da vida (a “ciência como mapa”, relacionada ao pragmatismo).

- 1) a percepção realístico-ingênua de estruturas do conhecimento não é possível em ciências mais avançadas (critério esse baseado na filosofia da ciência);
- 2) categorizações e classificações devem reunir assuntos relacionados e separar assuntos distintos;
- 3) para fins práticos, o conhecimento pode ser organizado de diferentes formas, e com diferentes níveis de ambição;
- 4) qualquer categorização deve refletir seu próprio objetivo;
- 5) categorizações científicas concretas e classificações sempre podem ser questionadas;
- 6) o conceito de polirrepresentação⁹ é importante;
- 7) diferentes artes e ciências podem, de certo modo, ser entendidas como diferentes formas de organizar os mesmos fenômenos;
- 8) a natureza das disciplinas varia;
- 9) a qualidade da produção do conhecimento em muitas disciplinas enfrenta uma situação confusa.

Junto a estes princípios estão às dez premissas básicas que dão razão de ser e justificação intelectual à Organização do Conhecimento, propostas por Barité (2001, p. 42-53). São elas:

- 1) o conhecimento é um produto social, uma necessidade social e um dínamo social;
- 2) o conhecimento se realiza a partir da informação, e ao se socializar se transforma em informação;
- 3) a estrutura e a comunicação do conhecimento formam um sistema aberto;
- 4) o conhecimento deve ser organizado para seu melhor aproveitamento individual e social;
- 5) existem “n” formas possíveis de organizar o conhecimento;
- 6) toda organização do conhecimento é artificial, provisional e determinista;
- 7) o conhecimento se registra sempre em documentos, como conjunto organizado de dados disponíveis, e admite usos indiscriminados;
- 8) o conhecimento se expressa em conceitos, e se organiza mediante sistemas de conceitos;
- 9) os sistemas de conceitos se organizam para fins científicos, funcionais ou de documentação;
- 10) as leis que regem a organização de sistemas de conceitos são uniformes e previsíveis, e se aplicam por igual a qualquer área disciplinar.

Os princípios mencionados por Horland tratam a questão da representação e recuperação do conhecimento.

Quadro 3 – Princípios da Representação e Recuperação do Conhecimento

⁹ Proposto por Ingwersen (1994).

PRINCÍPIOS	QUESTÕES
1,2 e 3	Percepção da estrutura do conhecimento, no intuito de separar ou unir assuntos que possam ser tratados na perspectiva de uma classificação pragmática ou de uma classificação científica.
4,5, e 6	expressam as formas de representação por meio de conceitos, bem como os devidos questionamentos sobre tais representações.
7 e 8	consideram as distintas naturezas das ciências, bem como seu entendimento sobre um determinado fenômeno, o que se reflete na forma de representá-lo e organizá-lo.
9	trata especificamente da problemática que envolve a qualidade da produção do conhecimento em muitas disciplinas. O autor sugere que a organização do conhecimento poderia ajudar os usuários a identificar e distinguir entre documentos relevantes e não relevantes.

Fonte: Elaborado pela autora.

Barité (2001) em suas dez premissas aponta a transformação da informação em conhecimento, devido ao fato de ser um produto social que se constitui em um sistema aberto (premissas 1, 2 e 3). E que, o conhecimento registrado pode ser organizado, através de diferentes formas específicas e determinadas (premissas 4, 5, 6 e 7), pois este se expressa em conceitos e os sistemas de conceitos se organizam com uma finalidade científica, funcional, documentária e serve para qualquer área ou campo do saber (premissas 8, 9 e 10).

Tudo isso demonstra que desde a criação dos sistemas de classificação, até a discussão dos princípios propostos por esses pesquisadores, o ponto principal da Organização do Conhecimento está em que sua base é fortemente conectada à

discussão de diferentes bases epistemológicas¹⁰, pelo fato que a Organização do Conhecimento não pode ignorar conceitos e teorias de disciplinas específicas, pois tanto os métodos quanto a teoria do conceito estão ligados às teorias epistemológicas (HJØRLAND, 2003, p. 107). Dessa forma, para encontrarmos os fundamentos teóricos que expliquem os fenômenos acerca da Organização do Conhecimento, seria necessária uma variedade de posições epistêmicas.

Dessa forma, chegamos à conclusão que não há uma declaração formal sobre a teoria da Organização do Conhecimento, e sim estudos que buscam entender melhor todo o universo que a compõe.

Nesta perspectiva este trabalho tem como objetivo desenvolver estudos que busquem compreender o desenvolvimento do ensino de Organização e Representação do Conhecimento a partir do Curso de Biblioteconomia da Biblioteca Nacional da organização, no âmbito brasileiro, e suas influências teórico-metodológicas.

¹⁰ Segundo Smiraglia (2002, p. 342), “Epistemologia é a divisão da filosofia que investiga a natureza e origem do conhecimento”.

3 HISTÓRICO DA BIBLIOTECONOMIA NO BRASIL

Olhar para o currículo é buscar responder questões intrínsecas a sua autobiografia. É desvelar quais foram os processos envolvendo os conflitos e disputas dos conhecimentos que o compuserem. É se questionar acerca dos valores sociais envolvidos no processo seletivo das disciplinas contempladas, e das não contempladas, o porquê dessa forma de organização em detrimento de outra.

De acordo com Silva (2011) o currículo tem significados que vão muito além daqueles aos quais as teorias tradicionais nos confinaram. O currículo é lugar, espaço, território. O currículo é relação de poder. O currículo é trajetória, viagem, percurso. O currículo é autobiografia, nossa vida, *curriculum vitae*: no currículo se forja nossa identidade. O currículo é texto, discurso, documento. O currículo é documento de identidade.

Dessa forma, a concepção de currículo analisada na pesquisa, apresenta as disciplinas obrigatórias voltadas para os conteúdos fundamentais que visam uma o desenvolvimento de habilidades e competências que favoreçam a ampliação das possibilidades de atuação profissional.

Em perspectiva histórica, o ensino de Biblioteconomia pode-se ser caracterizado por fases que demonstram seu desenvolvimento no âmbito brasileiro. Essas fases são apontadas no quadro a seguir:

Quadro 4 – Fases do Ensino de Biblioteconomia

Autores	Fases	Descrição
FONSECA (196?)	Três (03) fases	<ul style="list-style-type: none"> - 1879 a 1929: Liderança da Biblioteca Nacional, de influência francesa; - 1929 a 1962: Transferência da influência francesa, humanista, para a influência americana, pragmática, que teve início em São Paulo, no Mackenzie College; - 1962 - :Uniformidade dos conteúdos pedagógicos com a instalação do currículo mínimo
MUELLER (1985)	Adiciona as três (03) fases de FONSECA (196?) mais duas (02) fases	<ul style="list-style-type: none"> - Década de 1970: Fortalecimento e proliferação dos cursos, pelo crescente descontentamento em relação ao conteúdo do currículo mínimo, pela influência da tecnologia e pelo aparecimento dos cursos de pós-graduação; - A partir de 1982 - : data da aprovação do novo currículo mínimo e que será caracterizada pela reformulação dos programas de ensino.
SOUZA (1987)	Três (03) fases	<ul style="list-style-type: none"> - 1911 a 1930: tendência humanista; - 1930 a 1970: caracterizada como tecnicista americana; - 1970 a 1987: caracterização nacional da categoria bibliotecária e do seu despertar para a realidade nacional
POBLACION (1992)	Quatro (04) fases	<ul style="list-style-type: none"> - 1915 a 1928: formação de influência europeia; - 1929 a 1969: mudança da direção da influência europeia para o pragmatismo americano; - 1970 a 1985: ufanismo nacionalista caracterizado pelo crescimento qualitativo das escolas; 1986- : estabilização do crescimento quantitativo das escolas e início do período de reflexão, objetivando a avaliação qualitativa do ensino ministrado em nível de graduação.
CASTRO (2000)	Cinco (05) fases	<ul style="list-style-type: none"> - 1879 a 1928: movimento fundador da Biblioteconomia no Brasil de influência humanista francesa, sob liderança da Biblioteca Nacional; - 1929 a 1939: predomínio do modelo pragmático americano em relação ao modelo humanista francês; - 1940 a 1961: consolidação e expansão do modelo pragmático americano; - 1962 a 1969: uniformização dos conteúdos pedagógicos e regulamentação da profissão; - 1970 a 1995: paralisação do crescimento quantitativo das escolas de graduação e crescimento quantitativo dos cursos de pós-graduação; busca da maturidade teórica da área a partir de novas abordagens tomadas de empréstimo de outros campos do saber.
WEITZEL (2009)	Adiciona as fases de FONSECA (196?) e MUELLER(1985) mais uma (01) fase	<ul style="list-style-type: none"> - 2001- :Nova concepção da matriz curricular com base na flexibilização conforme diretrizes da ABECIN
SABBAG (2013)	Incorporada as fases propostas por FONSECA (196?); MUELLER(1985) e WEITZEL (2009) mais uma (01) fase	<ul style="list-style-type: none"> - Elaboração pelo Ministério da Educação (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, Universidade Aberta do Brasil) e Conselho Federal de Biblioteconomia do Projeto Pedagógico “Graduação de Biblioteconomia na modalidade à distância”.

Fonte: Sabbag, 2013

Essas fases são marcadas por aportes histórico-sociais importantes para a compreensão do desenvolvimento da área do País.

Entre as décadas de 1910 e 1930 temos a criação dos dois primeiros cursos brasileiros de Biblioteconomia. O primeiro criado pelo Decreto nº 8835, de 11 de julho de 1911 na Biblioteca Nacional que entra em efetiva atividade em 1915. O segundo curso foi criado em 1929 no Instituto Mackenzie na cidade de São Paulo.

Entre as décadas de 1940 e 1950 vários fatores e elementos ocorrem que influenciaram diretamente na área de Biblioteconomia no país:

- 1948 – criação da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência;
- 1949 – Estudos para a criação de um órgão para conduzir as pesquisas científicas no Brasil;
- 1951 – Criação do CNPQ; realização da Conferência sobre Desenvolvimento dos Serviços de Bibliotecas Públicas na América Latina na Biblioteca Municipal de São Paulo;
- 1953 – Primeiro Congresso de Bibliotecas do Distrito Federal (Brasília);
- 1954 – Primeiro Congresso Brasileiro de Biblioteconomia (e Documentação) em Recife (CBBBD); Criação do Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação (IBBD), apoiado pela UNESCO;
- 1955 – Criação do primeiro curso de Pós-Graduação (Especialização) na área, chamado Curso de Documentação Científica (CDC);
- 1958 – Reconhecimento da Biblioteconomia como profissão liberal por meio da Portaria nº 162 do Ministério do Trabalho, de 07 de outubro de 1958;
- 1961 – CBBBD realizado em Curitiba;
- 1962 – Criação do primeiro Currículo Mínimo Obrigatório; criação da Lei nº 4084, de 30 de junho de 1962, que dispõe sobre as atividades profissionais dos bibliotecários em todos o território brasileiro;
- 1963 – CBBBD realizado em Fortaleza;
- 1965 – CBBBD realizado em São Paulo: marcado pela recomendação de melhoria no nível das Escolas de Biblioteconomia; criação do Decreto nº 56725, de 16 de agosto de 1965, que regulamenta a lei nº 4084, de 30 de junho de 1962;

- 1967 – Criação da ABEBD (Associação Brasileira de Ensino em Biblioteconomia e Documentação) tendo como objetivo coordenar as Escolas de Biblioteconomia.

Neste período, em 1962 tem-se a criação do primeiro Currículo Mínimo Obrigatório para o Curso de Biblioteconomia que foi estabelecido pelo então Conselho Federal de Educação (CFE), por meio do Parecer nº 326, de 16 de novembro de 1962, homologado por Portaria Ministerial de 04 de dezembro de 1962. A década de 1970 é fortemente marcada pela expansão dos cursos de graduação e mestrado no país. No âmbito da pós-graduação é criado o primeiro curso de mestrado em Ciência da Informação pelo IBBD, atualmente IBICT (Instituto Brasileiro de Informação, Ciência e Tecnologia). Quanto à expansão dos cursos de graduação no país esta é permeada por grandes discussões sobre o currículo mínimo, discussões articuladas principalmente pela ABEBD e ABECIN; e em 1976 é elaborada a primeira proposta de manutenção do curso com duração de três anos.

A década de 1990, especificamente em 1996 é criada a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei nº 9394, de 20 de dezembro de 1996. A LDB altera significativamente a atuação das universidades que passam a ter competência para fixar os currículos e seus cursos de graduação, possibilitando a flexibilização e a aplicação de ajustes curriculares.

A partir da criação da LDB o currículo mínimo deixa de existir sendo substituído por Diretrizes que norteiam a formação profissional. Essas diretrizes possibilitaram a flexibilização curricular agora em âmbito regional.

Em 1998 a Secretaria de Educação Superior do MEC (SESu/MEC) designa uma comissão de especialistas para a área de Ciência da Informação tendo por objetivo a elaboração de diretrizes para os cursos de Biblioteconomia, Arquivologia e Museologia. A comissão de especialistas define o perfil do egresso tendo como referência a formação profissional, e relaciona:

- a) Competências e habilidades;
- b) Atitudes e procedimentos esperados dos profissionais da informação;
- c) Relaciona os conteúdos básicos, dividindo-os em matérias específicas, atendendo às especificidades de cada subárea;
- d) Instrução acerca do estágio;
- e) Titulação mínima exigida do corpo docente;
- f) Padrão de qualidade dos cursos;

g) Articulação entre os cursos de graduação e pós-graduação.

A versão final das Diretrizes Curriculares é elaborada pela Comissão de Especialistas no ano de 1999. O documento final propõe um tronco comum para as três áreas tendo disciplinas ligadas ao documento, à construção do conhecimento e às instituições.

Em 2001 é aprovada as Diretrizes Curriculares Nacionais para os Cursos de Biblioteconomia, Arquivologia e Museologia, conforme Parecer CNE/CES nº 492, de 03 de abril de 2001, retificado pelo Parecer CNE/CES, nº 1363 de 12 de dezembro de 2001, tendo como objetivo a flexibilização da estrutura dos cursos de graduação e a integração às atividades de pesquisa.

Em 2002, o Conselho Nacional de Educação fixa a Resolução CNE/CES 19, de 13 de março, que estabelece as Diretrizes Curriculares para os Cursos de Biblioteconomia.

No ano de 2008 os estágios são alterados pela Lei nº 11788, de 25 de setembro. A fixação da nova lei de estágio exige dos Cursos de Biblioteconomia uma adequação das atividades práticas nos currículos.

Em 2010 é criado o projeto pedagógico de graduação em Biblioteconomia na modalidade à distância. O projeto é elaborado pelo MEC, CAPES, Universidade Aberto do Brasil e Conselho Federal de Biblioteconomia tendo como docentes da área: Prof.^a Dra. Célia Regina Simonetti Barbalho (UFAM); Prof.^a Dra. Helen Beatriz Frota Rozados (UFRGS); Prof.^a Dra. Henriette Ferreira Gomes (UFBA); Prof. Dr. José Augusto Guimarães (UNESP); Prof.^a Dra. Lidia Alvarenga (UFMG); Prof.^a Dra. Marta Lígia Pomim Valentim (UNESP); Prof.^a Dra. Rosane Suely Álvares Lunardelli (UEL); Prof.^a Dra. Sely Maria de Souza Costa (UnB). A proposta da graduação em Biblioteconomia à distância tem como proposição levar o ensino superior a lugares remotos do país.

O projeto da graduação em Biblioteconomia na modalidade à distância encontra-se em desenvolvimento e a Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), por meio do Curso de Biblioteconomia e Gestão de Unidades de Informação (CBG), da Faculdade de Administração e Ciências Contábeis (FACC), foi selecionada pelo Edital CAPES 12/2012, para gerenciar o processo da produção de materiais didáticos e de apoio à oferta do curso. Em janeiro de 2014 foi lançado o edital FUJB-UFRJ nº 01/2014, com vistas a selecionar autores e leitores para

desenvolver e analisar o conteúdo de 50 disciplinas que compõem a grade curricular desse curso.

4 O CURSO DA BIBLIOTECA NACIONAL

Na história da Biblioteconomia brasileira, a Biblioteca Nacional tem papel fundamental por marcar o início do ensino em biblioteconomia no Brasil.

A dimensão histórica do ensino de Biblioteconomia brasileiro pode ser compreendido sob várias perspectivas.

As principais perspectivas aqui destacadas são (CASTRO, 2000):

- a) A profissional: tendo como foco a formação do bibliotecário culminando nos estudos de mercado de trabalho;
- b) A técnica: tendo como o foco o controle, o processamento e armazenamento da informação, considerando também o uso das novas tecnologias e linguagens documentárias.

Essas perspectivas caracterizam modelos de influência que são concretizados no currículo do ensino de biblioteconomia. O currículo compreendido como discurso com caráter socialmente construído, das formas de consciência e de conhecimento, com relações com estruturas sociais, institucionais e econômicas, que também são componentes históricos, sociais, contingentes e arbitrários.

Neste sentido, alguns autores dividem a história do ensino da Biblioteconomia brasileira em fases. Essas fases são compiladas dos autores Fonseca (196?), Mueller (1985), Souza (1987), Población (1992), Castro (2000), Weitzel (2009) e Sabbag(2013) apresentadas no Quadro 4.

Pode-se verificar ao analisar as fases históricas propostas pelos autores que existe uma similaridade acerca da divisão histórica do ensino de Biblioteconomia no Brasil, principalmente sobre dois aspectos: a criação e influência francesa do curso, marcada por um ensino humanista e europeu; e a influência americana que vem direcionar o ensino para um modelo pragmático. Também, verifica-se a influência da perspectiva profissional na dimensão histórica do ensino de Biblioteconomia brasileiro.

Para realização desta pesquisa serão consideradas as seguintes fases da histórica da Biblioteconomia brasileira:

Quadro 5 – Fases Históricas da Pesquisa

Fases	Períodos	Eventos
1ª	1879 – 1929	Liderança da Biblioteca Nacional e influência francesa
2ª	1929 – 1962	Influência do novo curso do Instituto Mackenzie em São Paulo inspirado no modelo norte-americano
3ª	A partir de 1962	Uniformidade dos cursos desenvolvidos a partir dos currículos mínimos
4ª	Década de 1970	Fortalecimento dos cursos, descontentamento em relação aos currículos mínimos, influência das tecnologias, aparecimentos dos cursos de pós-graduação
5ª	1982 – 2000	Novo currículo mínimo e reformulação dos programas de ensino
6ª	2001 – 2009	Nova concepção da matriz curricular com base na flexibilização conforme diretrizes da ABECIN
7ª	2010 -	Elaboração pelo Ministério da Educação (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, Universidade Aberta do Brasil) e Conselho Federal de Biblioteconomia do Projeto Pedagógico “Graduação de Biblioteconomia na modalidade à distância”

Fonte: Elaborado pela autora

As três primeiras fases, como já apresentadas no Quadro 4, são criadas por Edson Nery da Fonseca (196-), acrescidas pela fase quatro e cinco propostas por Mueller (1985, p. 3).

A sexta fase foi inaugurada em 2001 pela ABECIN (Associação Brasileira de Educação em Ciência da Informação) para atender as exigências impostas pelo MEC no final da década de 1990, proposta por Weitzel (2009).

A sétima fase foi incorporada na realização deste trabalho em decorrência da criação o Projeto Pedagógico de “Graduação de Biblioteconomia na modalidade à distância”, elaborado em 2010 por equipe sobre a responsabilidade do Ministério da Educação e Conselho Federal de Biblioteconomia.

Esta pesquisa tem como espaço temporal de investigação os anos de 1915 a 1968, inserindo-se nas primeiras fases históricas do ensino de Biblioteconomia.

Apesar dos anos de 1879 a 1911 não fazerem parte do espaço temporal da pesquisa, esses anos são fundamentais, por isso necessitam ser registrados.

A primeira fase, conforme descrita no Quadro 5 (1879 a 1929) tem como marca fundamental a liderança da Biblioteca Nacional e os primeiros concursos para preencher as vagas de Oficial, da mesma forma que era realizado pela *École de Chartes*, na França.

A necessidade de preencher essas vagas culminou na criação de um Curso de Biblioteconomia em 1911, pela Biblioteca Nacional, a partir do seu novo regulamento.

Destaca-se, portanto, que a Biblioteca Nacional adotou integralmente o modelo utilizado pela *École de Chartes*, ou seja, a Biblioteca Nacional passou a formar bibliotecários para provimento de seu quadro de pessoal tendo como objetivo a maior qualificação.

Desta forma, as primeiras gerações de bibliotecárias, formados pelo Curso de Biblioteconomia da Biblioteca Nacional, tiveram no seu arcabouço teórico e metodológico a marca da orientação francesa.

Os períodos de 1929 a 1962 marcaram a segunda fase. A segunda fase é marcada pela orientação do modelo norte-americano, considerado mais tecnicista. O modelo norte-americano é introduzido no Brasil com o surgimento do Curso de Biblioteconomia pelo Instituto Mackenzie, em 1929, na cidade de São Paulo. Em 1936 este curso foi transferido para a Prefeitura de São Paulo que fortaleceu o modelo norte-americano.

Também, o curso do DASP (curso da capital Federal do País) adotou o modelo de São Paulo contribuindo efetivamente para a difusão da orientação tecnicista no país. Historicamente, sua influência foi decisiva na história da

Biblioteconomia brasileira, pois impulsionou na década de 1940 a reforma do Curso da Biblioteca Nacional (1944) quando esta passou a adotar a orientação tecnicista.

A reforma no Curso de Biblioteconomia da BN alterou substancialmente os rumos do ensino de Biblioteconomia no Brasil. Certamente, esta mudança gerou determinada uniformidade que se consolidou em 1962 com a aprovação do currículo mínimo pelo Ministério da Educação.

Para Weitzel (2009, p. 19)

esta mudança no Curso da BN alterou os rumos do ensino da biblioteconomia no Brasil que ganhou certa homogeneidade que se consolida em 1962 com a aprovação do currículo mínimo pelo MEC. No entanto, em se tratando do Curso original da BN, é preciso destacar que a mudança não foi acompanhada da transição teórica da linha francesa para a norte-americana. Esta talvez seja uma das razões pela quais hoje seja possível identificar as lacunas teórico-metodológicas mencionadas. A literatura especializada produzida no período por bibliotecários brasileiros demonstra a influência norte-americana em detrimento dos teóricos franceses, especialmente os do século XIX. Outro agravante é a baixa produção dos bibliotecários entre 1915 a 1939 que é infinitamente menor que a produzida na década de 1940. Por outro lado, os novos tempos, que incluíam as modernas técnicas e tecnologias, ganhou mais importância no cenário nacional e, dessa forma, os autores do século passado, traduziam um tempo antigo e superado, tal como se fosse uma ruptura.

No que diz respeito a esta parte histórica do curso de Biblioteconomia da Biblioteca Nacional a análise dos documentos ¹¹ permitiu consideramos que a primeira fase do curso inicia-se em 01 de julho de 1879. Nesta data ocorre o primeiro concurso realizado pela BN onde é aprovado o historiador João Capistrano de Abreu (1853 – 1927) para a vaga de Oficial.

Nesta época, de acordo com Dias (1991, p. 7), a Biblioteca Nacional ainda ficava no casarão da Rua do Passeio. Os conhecimentos exigidos para os concursos da Biblioteca Nacional eram:

- a) História Universal;
- b) Geografia;
- c) Literatura;
- d) Filosofia;

¹¹ BRASIL. LEIS, DECRETOS, ETC – Lei número 2.356, de 31 de dezembro de 1910, estabelecendo a reforma da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, que proporcionou a criação dos Cursos de Biblioteconomia e Decreto nº 8.835, de 11 de julho de 1911, que aprova o Regulamento da Biblioteca Nacional (Publicado nos “Anais da Biblioteca Nacional”, vol. 33, p. 337) – Cap. IV: Curso de Biblioteconomia.

- e) Bibliografia;
- f) Iconografia;
- g) Classificação de manuscritos; e
- h) Línguas (traduções de latim, francês e inglês).

Pelos conhecimentos exigidos nos concursos verificamos o alto grau de erudição necessário para se candidatar ao cargo. Tais exigências mostram que a Biblioteca Nacional tinha a preocupação que seus funcionários tivessem preparação prévia em matérias especializadas. Este critério de admissão estava baseado “nas clássicas normas adotadas pela ‘*École de Chartes*’ de Paris que tinham exigiam estes requisitos para a formação do bibliotecário e do arquivista (DIAS, 1991, p. 7).

Apesar do primeiro concurso para oficial ocorrer em 1879, a formação do bibliotecário começa, efetivamente, anos depois tendo como marco a aprovação do novo regulamento da Biblioteca Nacional em 1911¹² (material coletado durante o relatório 2).

O documento apresenta as disciplinas que deveriam ser ministradas no Curso de Biblioteconomia, respectivamente pelos chefes das Seções conforme arrolado abaixo:

- a) Bibliografia: Seção de Impressos (1ª seção);
- b) Paleografia e Diplomática: Manuscritos (2ª seção);
- c) Iconografia: Estampas e Cartas Geográficas (3ª seção); e
- d) Numismática: Moedas e Medalhas (4ª seção).

Portanto, as disciplinas eram oferecidas pelos chefes de seção que eram bibliotecários, com exceção da disciplina de Numismática que era chefiada pelo que na época era chamado de sub-bibliotecário (BIBLIOTECA NACIONAL, 1911, p. 43). Ainda, de acordo com o Regulamento da Biblioteca Nacional (1911, p. 340), os bibliotecários, e o sub-bibliotecário, tinham como responsabilidade o ensino das matérias do curso de Biblioteconomia, bem como organizar os respectivos programas e serem examinadores tanto das matérias que lecionavam, quanto do exame de admissão.

¹² BIBLIOTECA NACIONAL (Brasil). A Biblioteca Nacional em 1910. *Relatório. Annaes da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, 1911, v. 33, p. 649 – 684.

De acordo com análise realizada nos Relatórios da Biblioteca Nacional (1912; 1913; 1914), nos anos de 1912 e 1914 não houve inscritos para o curso. Dessa forma, apenas em 1915 o curso iniciou-se efetivamente.

A ausência de candidatos para o curso de Biblioteconomia foi verificada no documento “Requerimento ao diretor da Biblioteca Nacional Manuel Cícero Peregrino da Silva, pedindo inscrições no curso de Biblioteconomia” (1906 – 1918). Neste documento verifica-se que em 1911 inscreveu-se apenas uma pessoa: Hermínio Duque-Estrada Costa; em 1912 o mesmo candidato se inscreveu, mais Alberto Veneza Moore, Carlos Mariani, Manoel Cassius Berlink, Antonio Cicero Peregrino da Silva e Gilberto Goulart. Nos anos de 1913 e 1914 não há registros de candidatos. E em 1915 tem registrado 27 inscritos, sendo 12 candidatos eram funcionários da Biblioteca Nacional.

Desta forma, no dia 10 de abril de 1915 começaram as atividades do Curso de Biblioteconomia da Biblioteca Nacional. A aula inaugural foi proferida por Constâncio Alves, tendo como tema “A função do *bibliothecario*” (BIBLIOTECA NACIONAL, 1916, p.367-369). O curso foi ministrado entre o período de 12 de abril a 30 de novembro de 1915.

Os professores e disciplinas levantados do período 1915-1922 foram:

- a) Aurélio Lopes de Sousa (1866-1934 – Diretor da 3ª Seção): Professor de Iconografia;
- b) Constâncio Antonio Alves (1862-1933 – Diretor da 1ª Seção): Professor de Bibliografia;
- c) João Carlos de Carvalho (1857-1921 – Diretor da 2ª Seção): Professor de Paleografia e Diplomática. Faleceu em 1921. Não existem informações nos anais sobre sua substituição até 1922, ano que o curso foi extinto.
- d) João Gomes do Rego (1861-19-- - Diretor da 4ª Seção): Professor de Numismática;
- e) Mario Behring (1876-1933) substituiu Aurélio Lopes de Souza (quando este substituiu o diretor geral) dirigiu a 3ª Seção e ministrou a disciplina Iconografia em 1917, 1920 e 1921.

Com o passar do tempo os docentes sentiram a necessidade de promoverem a ampliação do curso de um ano para dois. Para tanto, era necessário que o artigo 34 do regulamento da BN sobre a duração do curso fosse alterado. Dessa forma, o Senhor Diretor Geral Interino Basílio de Magalhães, no ano de 1918, solicita a ampliação do curso com a justificativa de que o “desenvolvimento indispensável ao preparo que se collima, não podem ser cumpridos em um só anno letivo” (BIBLIOTECA NACIONAL, 1918, p.308). A solicitação de ampliação foi dirigida ao

Senhor Ministro de Justiça e Negócios Interiores Urbano Santos da Costa Araújo, mas a ampliação não ocorreu imediatamente.

No ano de 1921 o curso não ocorreu, pois não tinha nenhum candidato. E em 1922 o curso funciona com apenas dois candidatos. No mesmo ano, por força do Decreto nº 15.670/1922 o curso é extinto sendo substituído pelo “Curso Technico” (CASTRO, 2000, p. 57).

Em novembro de 1931 o curso é reativado pelo Decreto nº 20.673. Com a reativação algumas mudanças são promovidas. Dentre as mudanças estão à ampliação de um para dois anos de curso, a BN não ministra mais a disciplina Numismática (devido a criação do Curso de Museologia no Museu Histórico Nacional), a disciplina Iconografia incorporado ao seu conteúdo elementos da cartografia).

De acordo com Dias (1991), o curso de Biblioteconomia da Biblioteca Nacional volta a ser ministrado no ano de 1932 tendo como disciplinas a Bibliografia, a Paleografia e Diplomática, a Iconografia e Cartografia e História Literária (com aplicação à Bibliografia).

Para Weitzel (2009) o ano de 1933 marca um período importante para a biblioteconomia brasileira. Neste ano falecem o Senhor Constâncio Alves e o Senhor Mario Behring, e com os seus falecimentos encerra-se uma fase do curso que tinha como embasamento teórico o cunho humanístico da profissão.

Uma nova fase começa no ensino de biblioteconomia com a chegada de Dorothy Muriel Geddes¹³ para o Brasil dos Estados Unidos. Para Mueller (1985) a chegada da Senhora Geddes ao Brasil, especificamente em São Paulo, abre as portas para a formação do segundo curso de Biblioteconomia brasileiro.

O novo curso de Biblioteconomia inicia as atividades em 1929, no Instituto Mackenzie, com quatro disciplinas básicas: catalogação, classificação, referência e organização (DIAS, 1957).

¹³ Conforme Mueller (1985), a Senhora Dorothy Muriel Geddes vem dos Estados Unidos para o Brasil para o Instituto Mackenzie (atual Universidade Mackenzie) para preparar a bibliotecária do Instituto, Senhora Adelpha Rodrigues de Figueiredo, para fazer curso de especialização na Universidade de Columbia. Também, para substituí-la enquanto a mesma estivesse estudando nos Estados Unidos.

O Curso de Biblioteconomia do Instituto Mackenzie é transferido para a Prefeitura de São Paulo¹⁴ no ano de 1935 sob a liderança de Rubens Borba de Moraes. O curso funciona até 1939 no prédio da Escola de Comércio Álvaro Penteadó.

No ano de 1940 quem recebe o Curso de Biblioteconomia é a Escola Livre de Sociologia e Política (ELSP) mantendo sua característica pragmática e tecnicista oriundas da vertente norte-americana da Universidade de Columbia (MUELLER, 1985).

A existência de dois Cursos de Biblioteconomia com vertentes distintas “marcou a dicotomia no eixo Rio-São Paulo em função das duas correntes vigentes no país: a formação da BN, que era conservadora e a de São Paulo, mais moderna (Weitzel, 2009, p. 24).

O Curso de Biblioteconomia de São Paulo foi importante para o fortalecimento do ensino de biblioteconomia e influenciou a criação do Curso do DASP (no Rio de Janeiro, na época capital do Brasil). O Curso do DASP foi instituído por Decreto-Lei nº 6416/1940 criou um curso intensivo para bibliotecários tendo como duração seis meses funcionando até 1944 (MUELLER, 1985).

Em 1944 acontece uma reforma na Biblioteca Nacional planejada pela bibliotecária Heloísa Cabral da Rocha Werneck¹⁵. O projeto de reestruturação da Senhora Werneck é executado pela Senhora Cecília Roxo Wagley e Josué Montello tendo repercussão também no Curso de Biblioteconomia da BN.

A reestruturação proposta pela senhora Werneck é institucionalizada pelo Decreto nº 15395/1944 assinado pelo Ministro de Estado da Educação e Saúde Senhor Gustavo Capanema. O curso da BN passa a ter a designação de Cursos da Biblioteca Nacional (C.B.N) tendo três níveis: i) Curso fundamental de Biblioteconomia (C.F.B.) objetivando formação de pessoal para exercer os serviços técnicos sob supervisão de bibliotecários tendo duração de um ano; ii) Curso Superior de Biblioteconomia (C.S.B.) objetivando a formação de pessoal para administrar, organizar e ou dirigir serviços técnicos de bibliotecas; e iii) Cursos

¹⁴ No ano que o curso é transferido do Instituto Mackenzie para a Prefeitura de São Paulo quem está na direção do Departamento de Cultura é o escritor Mário de Andrade que efetua mudanças para receber o curso de Biblioteconomia (CASTRO, 2000).

¹⁵ A proposta para um novo currículo para o Curso de Biblioteconomia da BN estão documentadas em manuscritos da própria bibliotecária Werneck (1942).

Avulsos (C. A.) objetivando a atualização dos conhecimentos dos bibliotecários e bibliotecários-auxiliares (CASTRO, 2000).

Para Weitzel (2009, p. 26) o Curso de Biblioteconomia da Biblioteca Nacional mesmo passando pelas mudanças ocorridas no ano de 1944 que fomentou a inclusão e adesão à orientação pragmática e tecnicista da Columbia University, “o caráter humanista, conservador e enciclopedista do ensino de biblioteconomia da BN, determinado pela École de Chartes, parece não ter se extinguido constituindo-se em uma marca do Curso da BN”.

5 PESQUISA DOCUMENTAL

O cotejamento das fontes primárias na Biblioteca Nacional foi baseado principalmente no levantamento bibliográfico nos catálogos da Biblioteca Nacional online, em fichas e em *micro-isis*.

O levantamento bibliográfico nos catálogos mostrou uma baixa revocação de itens. Devido a isso foi realizado levantamento bibliográfico e pesquisa documental no Arquivo Central da UNIRIO (Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro), no Arquivo do CCH (Centro de Ciências Humanas e Sociais).

A UNIRIO em 1969 recebeu os Cursos da Biblioteca Nacional. Devido a esta transferência, muitos recursos materiais da BN foram alocados para a Universidade que ficou responsável pela guarda permanente dos documentos, especialmente documentos e coleções que possuem informações importantíssimas de cunho documental e histórico acerca do primeiro Curso de Biblioteconomia da América Latina e, segundo alguns relatos, o terceiro do mundo.

O trabalho de levantamento realizado no Arquivo do CCH identificou muitos dossiês (pastas) de alunos de 1931 a 2008. Esse período contempla uma pequena parcela da primeira fase (1915 – 1922 a 1940 primeira fase) e toda a segunda 1941 a 1968. Foram contabilizados 4.474 dossiês que estão cadastrados em planilhas no formato excel até o ano de 1995.

De acordo com o projeto inicial, o foco da pesquisa está no levantamento e estudo dos conteúdos programáticos das disciplinas oferecidas no período de cobertura estipulado para que possamos evidenciar as teorias e métodos da área de Organização e Representação do Conhecimento.

Como o retorno de documentos acerca dos conteúdos programáticos foi baixo, nova estratégia de pesquisa foi montada para a coleta de dados. A busca foi reformulada com o objetivo de localizar documentos correlatos como provas, cadernos de alunos, apontamentos de professores que remetam às informações sobre os conteúdos programáticos, bem como os programas das disciplinas do ano de 1917.

Os documentos primários identificados nos catálogos encontram-se, principalmente, na Divisão de Manuscritos da BN. Estes documentos referem-se a:

- a) Documentos gerais do Curso de Biblioteconomia da Biblioteca Nacional:
inscrições dos candidatos; pontos de prova orais, escritas, práticas e exercícios (Loc. 65, 4, 006, nº 003; 66,1,003, nº 042; 66,1,004, nº012 – DM); Biblioteca Nacional. Recibo relativo à taxa dos exames do Curso de Biblioteconomia de Nelson Joaquim Batista. Original impresso - Loc. 65, 4, 006, nº003; Behring, Mário professor de Diplomática do Curso de Biblioteconomia da Biblioteca Nacional, Provas práticas de Diplomática dos cursos de Biblioteconomia, da Biblioteca Nacional - Loc. 66,1,003, nº 042 Curso de Biblioteconomia: provas e exercícios - Loc. 66,1,004, nº 012.
- b) Exercícios de alunos (Catalogação - Loc. 48,5,002,004 – DM; Mapoteconomia, Loc. 48,5,002, nº003 – DM; Cabeçalhos de assuntos, Loc. 48,002, nº011; Catalogação e Classificação, Loc. 48,5,002, n.5 – DM):
Exercícios de Catalogação do curso superior de Biblioteconomia da Biblioteca Nacional. Original Datilografado - Loc. 48, 5,002, nº004; Exercícios de Mapoteconomia do curso superior de Biblioteconomia da Biblioteca Nacional. Original Datilografado. Alguns exercícios são manuscritos - Loc. 48,5,002, nº003; Exercício de catalogação e classificação do curso de Biblioteconomia da Biblioteca Nacional, da aluna Irene Roseo Freitas - Loc. 48, 5, 002, nº 005; Exercícios de catalogação, do curso de Biblioteconomia da Biblioteca Nacional. Original Manuscrito - Loc. 48, 5, 002, nº 008.
- c) Livro do Pessoal da BN: LIVRO do pessoal da Biblioteca Nacional, com indicação do cargo, datas e nomeações e saídas, idade, naturalidade, entre outros. Original Manuscrito e Impresso. Contém termo de abertura e encerramento assinado pelo doutor Manuel Cícero Peregrino da Silva - Loc. 45, 4, 006 – DM.
- d) Pauta de Notas: PAUTA de notas do curso de Biblioteconomia, matriculados no segundo ano, em 1941, nos exames de 1ª época, na cadeira de paleografia e diplomática. Original Datilografado. Não constam notas. Em anexo, cópias do documento e declaração para a abertura das inscrições para os exames de primeira época do curso de Biblioteconomia. Loc. 48, 1, 004, nº046 – DM.
- e) Livro de Atas: LIVRO de atas das reuniões do Conselho Consultivo e da Comissão Julgadora dos Concursos bibliográficos. Original Manuscrito. Livro

possui termo de abertura assinado pelo Diretor Geral Manuel Cícero Peregrino da Silva, em 8 de fevereiro de 1912. Loc. 45, 1, 005 – DM.

f) Relatórios Anuais;

g) Programas de Curso da Biblioteca Nacional e documentos acerca do conteúdo programático: os programas das disciplinas não foram localizados (existem todos os programas do curso em 1937 e um programa da disciplina Bibliografia de 1936); Curso de Biblioteconomia - Loc. 18,1,013 – DM; 65,1,001, nº044; SILVA, Bartholo. Curso de Biblioteconomia; cadeira de Paleografia e Diplomática. Original Manuscrito - Loc. 18,1,013; COMENTÁRIO sobre o projeto para um curso de Biblioteconomia. Original Manuscrito. Consta informação, posterior a produção do documento: constava num pedacinho de papel preso ao clips “Referimento e anteprojeto apresentado ao DASP por Sílvia Nilsa e C. (Cecília) em 1942”. Este pedacinho de papel não está no documento. Loc. 65,1,001, nº044.

Para melhor compreensão após análise dos documentos foi elaborado o quadro abaixo demonstrando sete fases do ensino de Biblioteconomia no Brasil:

Quadro 6 – Fases do Ensino de Biblioteconomia no Brasil

Fases	Períodos	Eventos
1ª	1879 – 1929	Liderança da Biblioteca Nacional e influência francesa
2ª	1929 – 1962	Influência do novo curso do Instituto Mackenzie em São Paulo inspirado no modelo norte-americano
3ª	A partir de 1962	Uniformidade dos cursos desenvolvidos a partir dos currículos mínimos
4ª	Década de 1970	Fortalecimento dos cursos, descontentamento em relação aos currículos mínimos, influência das tecnologias, aparecimentos dos cursos de pós-graduação
5ª	1982 – 2000	Novo currículo mínimo e reformulação dos programas de ensino
6ª	2001 – 2009	Nova concepção da matriz curricular com base na flexibilização conforme diretrizes da ABECIN
7ª	2010 -	Elaboração pelo Ministério da Educação (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, Universidade Aberta do Brasil) e Conselho Federal de Biblioteconomia do Projeto Pedagógico “Graduação de

		Biblioteconomia na modalidade à distância”
--	--	--

Fonte: Adaptado de Weitzel (2009), incorporada pela autora a fase 7.

As três primeiras fases são criadas por Edson Nery da Fonseca (196-), acrescidas pela quarta e quinta descritas por Mueller (1985, p. 3).

A sexta fase foi inaugurada em 2001 pela ABECIN (Associação Brasileira de Educação em Ciência da Informação) para atender as exigências impostas pelo MEC no final da década de 1990.

A sétima fase foi incorporada na realização deste projeto em decorrência da criação o Projeto Pedagógico de “Graduação de Biblioteconomia na modalidade à distância”, elaborado em 2010 por equipe sobre a responsabilidade do Ministério da Educação e Conselho Federal de Biblioteconomia.

O desenvolvimento deste projeto insere-se nas primeiras fases descritas no quadro 1, tendo como período de cobertura espaço-temporal 1915 a 1968.

A primeira fase, 1879 a 1929, tem como marca fundamental a liderança da Biblioteca Nacional e os primeiros concursos para preencher as vagas de Oficial, da mesma forma que era realizado pela *École de Chartes*, na França. A necessidade de preencher essas vagas culminou na criação de um Curso de Biblioteconomia em 1911, pela Biblioteca Nacional, a partir do seu novo regulamento.

Destaca-se, portanto, que a Biblioteca Nacional adotou integralmente o modelo utilizado pela *École de Chartes*, ou seja, a Biblioteca Nacional passou a formar bibliotecários para provimento de seu quadro de pessoal tendo como objetivo a maior qualificação.

Desta forma, as primeiras gerações de bibliotecários, formados pelo Curso de Biblioteconomia da Biblioteca Nacional, tiveram no seu arcabouço teórico e metodológico a marca da orientação francesa.

Os períodos de 1929 a 1962 marcaram a segunda fase. A segunda fase é marcada pela orientação do modelo norte-americano, considerado mais tecnicista. O modelo norte-americano é introduzido no Brasil com o surgimento do Curso de Biblioteconomia pelo Instituto Mackenzie, em 1929, na cidade de São Paulo. Em 1936 este curso foi transferido para a Prefeitura de São Paulo que fortaleceu o modelo norte-americano.

Também, o curso do DASP (curso da capital Federal do País, na época Rio de Janeiro) adotou o modelo de São Paulo contribuindo efetivamente para a difusão da orientação tecnicista no país. Historicamente, sua influência foi decisiva na

história da Biblioteconomia brasileira, pois impulsionou na década de 1940 a reforma do Curso da Biblioteca Nacional (1944) quando esta passou a adotar a orientação tecnicista.

A reforma no Curso de Biblioteconomia da BN alterou substancialmente os rumos do ensino de Biblioteconomia no Brasil. Certamente, esta mudança gerou determinada uniformidade que se consolidou em 1962 com a aprovação do currículo mínimo pelo Ministério da Educação.

No que diz respeito a esta parte histórica do curso de Biblioteconomia da Biblioteca Nacional a análise dos documentos¹⁶ permitiu consideramos que a primeira fase do curso inicia-se em 01 de julho de 1879. Nesta data ocorre o primeiro concurso realizado pela BN onde é aprovado o historiador João Capistrano de Abreu (1853 – 1927) para a vaga de Oficial.

Nesta época, de acordo com Dias (1991, p.7), a Biblioteca Nacional ainda ficava no casarão da Rua do Passeio. Os conhecimentos exigidos para os concursos da Biblioteca Nacional eram:

- i) História Universal;
- j) Geografia;
- k) Literatura;
- l) Filosofia;
- m) Bibliografia;
- n) Iconografia;
- o) Classificação de manuscritos; e
- p) Línguas (traduções de latim, francês e inglês).

Pelos conhecimentos exigidos nos concursos verificamos o alto grau de erudição necessário para se candidatar ao cargo. Tais exigências mostram que a Biblioteca Nacional tinha a preocupação que seus funcionários tivessem preparação prévia em matérias especializadas. Este critério de admissão estava baseado “nas clássicas normas adotadas pela ‘*École de Chartes*’ de Paris que tinham exigiam estes requisitos para a formação do bibliotecário e do arquivista (DIAS, 1991, p. 7).

¹⁶ BRASIL. LEIS, DECRETOS, ETC – Lei número 2.356, de 31 de dezembro de 1910, estabelecendo a reforma da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, que proporcionou a criação dos Cursos de Biblioteconomia e Decreto nº 8.835, de 11 de julho de 1911, que aprova o Regulamento da Biblioteca Nacional (Publicado nos “Anais da Biblioteca Nacional”, vol. 33, p. 337) – Cap. IV: Curso de Biblioteconomia.

Apesar do primeiro concurso para oficial ocorrer em 1879, a formação do bibliotecário começa, efetivamente, anos depois tendo como marco a aprovação do novo regulamento da Biblioteca Nacional em 1911 documento apresenta as disciplinas que deveriam ser ministradas no Curso de Biblioteconomia, respectivamente pelos chefes das Seções conforme arrolado abaixo:

- e) Bibliografia: Seção de Impressos;
- f) Paleografia e Diplomática: Manuscritos;
- g) Iconografia: Estampas e Cartas Geográficas; e
- h) Numismática: Moedas e Medalhas.

O documento “Annaes da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro”¹⁷, 1911, apresenta, de acordo com o regulamento da Biblioteca Nacional em 1911, conforme Capítulo IV do Decreto nº 8.835, de 11 de julho de 1911, as disciplinas que deveriam ser ministradas no Curso de Biblioteconomia conforme acima descritas. Essas disciplinas deveriam ser ministradas pelos chefes das Seções que eram bibliotecários, com exceção da disciplina de Numismática que era chefiada pelo que na época era chamado de sub-bibliotecário (BIBLIOTECA NACIONAL, 1911, p. 43). Ainda, de acordo com o Regulamento da Biblioteca Nacional (1911, p. 340), os bibliotecários, e o sub-bibliotecário, tinham não somente a responsabilidade do ensino das matérias do curso de Biblioteconomia, bem como organizar os respectivos programas e serem examinadores tanto das matérias que lecionavam, quanto do exame de admissão:

- a) Seção de Impressos: 1ª Seção;
- b) Seção de Manuscritos: 2ª Seção;
- c) Seção de Estampas e Cartas Geográficas: 3ª Seção;
- d) Seção de Moedas e Medalhas: 4ª Seção.

O quadro a seguir apresenta o nome do bibliotecário-professor, a diretoria pela qual respondia, a seção pela qual era responsável e a seguir a disciplina que ministrava:

¹⁷ BIBLIOTECA NACIONAL (Brasil). A Biblioteca Nacional em 1910. relatório. *Annaes da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, 1911, v. 33, p. 649-684.

Quadro 7 – Professores e Disciplinas

Professor	Diretoria	Seção	Disciplina
João Carlos de Carvalho (1857-1921)	Diretor da 2ª Seção	Paleografia e Diplomática	Paleografia e Diplomática
João Gomes do Rego (1861 – 19--)	Diretor da 4ª Seção	Moedas e Medalhas	Numismática
Constancio Antonio Alves (1862-1933)	Diretor da 1ª Seção	Bibliografia	Bibliografia
Aurelio Lopes de Sousa (1866-1934)	Diretor da 3ª Seção	Estampas e Cartas Geográficas	Iconografia
Mario Behring (1876-1933)	Diretor da 3ª Seção	Estampas e Cartas Geográficas	Iconografia (ano de 1917, 1920 e 1921)

Fonte: Elaborada pela autora

De acordo com análise realizada nos Relatórios da Biblioteca Nacional (1912; 1913; 1914), nos anos de 1912 e 1914 não houve inscritos para o curso. Dessa forma, apenas em 1915 o curso inicia-se as aulas.

A ausência de candidatos para o curso de Biblioteconomia foi verificada no documento “Requerimento ao diretor da Biblioteca Nacional Manuel Cícero Peregrino da Silva, pedindo inscrições no curso de Biblioteconomia” (1906 – 1918). Neste documento verifica-se que em 1911 inscreveu-se apenas uma pessoa: Hermínio Duque-Estrada Costa; em 1912 o mesmo candidato se inscreveu, mais Alberto Veneza Moore, Carlos Mariani, Manoel Cassius Berlink, Antonio Cicero Peregrino da Silva e Gilberto Goulart. Nos anos de 1913 e 1914 não há registros de candidatos. E em 1915 tem registrado 27 inscritos, sendo 12 candidatos eram funcionários da Biblioteca Nacional.

5.1 Conteúdos Programáticos

A análise dos documentos referentes aos conteúdos programáticos demonstraram que os programas do Curso de Biblioteconomia da BN não sofreram alterações no período de 1915 a 1918¹⁸. No ano de 1919 acontece uma alteração que promove uma redução no conteúdo da disciplina de Bibliografia¹⁹. Esses programas foram os mesmo adotados até o ano de 1920 (WEITZEL, 2009).

¹⁸ Os programas encontram-se na Seção de Obras Raras da BN.

¹⁹ Referência a alteração encontrada no relatório do Senhor Manoel Cícero Peregrino da Silva (BIBLIOTECA NACIONAL, 1919/1920, p. 323).

Apesar de nenhuma disciplina fazer referência explícita em sua denominação a Organização do Conhecimento seu conteúdo era contemplado nas quatro disciplinas, conforme quadro a seguir:

QUADRO 8 – Conteúdos Referentes a Organização do Conhecimento

DISCIPLINA	RESPONSÁVEL	CONTEÚDO OC
Bibliographia	Constancio Alves (Director da 1ª Secção)	Classificação – Systemas principaes
		Classificação Decimal – Suas modificações
		Catologação – Arrumação dos livros e preparo para a catologação – bilhete sistematico – A ficha
		Catologo – Fontes de informação - Repertorioes
Paleographia e Diplomatica	João Carlos de Carvalho (Director da 2ª secção)	Partes constitutivas dos documentos. Formularios e manuais
		Pratica dos Serviços: 2 – Classificação e catologação dos documentos manuscriptos
Iconographia	Aurélio Lopes de Souza (Director da 3ª secção)	Catologação. Fichas ou verbetes. Catologação alfabética. Catologação topographica
		Catologação systematica. Classificação dos artistas por escolas e por nacionalidades. Significação da palavra - escola – no sentido geral e restricto. Classificação por assumptos
		Parte pratica: Preparo das fichas para a entrada nos diversos catálogos. Classificação de estampas para os catálogos systematicos.
Numismatica	João Gomes do Rego (Director da 4ª secção)	Systemas de classificação

Fonte: Elaborado pela autora

Os programas de 1917 apresentam informações importantes que nos levam afirmar que alguns tópicos sobre Organização do Conhecimento eram contemplados nessas disciplinas.

Pela análise da distribuição dos conteúdos podemos inferir que essas disciplinas que atualmente são ministradas separadamente eram ensinadas levando em consideração as especificidades de cada documento.

Dando sequência a análise dos conteúdos programáticos, temos o programa de Bibliografia de 1936, pois no período de 1923 a 1935 não encontramos material sobre os horários e programas das disciplinas. A existência dessa material é incontestável como aponta Weitzel 2009, mas a hipótese é que esse material não esteja processado.

O conteúdo programático de Bibliografia de 1936 encontra-se no Arquivo Central da UNIRIO apresentando 21 pontos a serem abordados na disciplina.

Para Weitzel (2009, p. 39) fica evidente que

a Bibliografia foi a base sob a qual surgiram posteriormente um núcleo de disciplinas que constitui o que se denominou de currículo mínimo da década de 1960. Tanto nos programas de 1917 quanto o de 1936 é possível verificar a correspondência direta entre História do Livro e das Bibliotecas, Organização e Administração de Bibliotecas, Representação Descritiva, Representação Temática e Conservação.

As disciplinas que contemplam os alguns tópicos dos conteúdos de Organização do Conhecimento no programa de 1936 são: item 7 – Catalogação; item 8 – Classificações Bibliographicas; e item 11 – Arrumação dos livros na bibliothecas.

Devido a dificuldade de localização dos conteúdos programáticos das disciplinas outros documentos que forneciam informações importantes foram consultados como o Caderno de apontamentos da cadeira de Paleografia e Diplomática ministrado pelo professor Bartolo da Silva entre os anos de 1940 – 1941. Os apontamentos são constituídos por dois cadernos com anotações da aluna Lydia Combacau de Miranda doados pela mesma para a Divisão de Manuscritos (Weitzel, 2009).

Nos apontamentos encontram-se os “Programas de Paleografia e Diplomatica do Curso de Biblioteconomia para 1940-1941”. Os pontos relacionados aos tópicos de Organização do Conhecimento de maneira muito sutil são: item 26 – Divisão dos documentos e estudo de cada uma das suas partes; 27 – Classificação dos documentos. Documentos públicos e documentos privados. Documentos pontifícios.

Outro documento que apresenta dados importantes sobre os conteúdos programáticos das disciplinas é a proposta de reestruturação da BN elaborada por Werneck (1940). Para ela o curso deveria sofrer uma ampliação, pois a forma em vigor refletia uma visão antiga que valorizava aspectos de cultura geral que necessitava ser superada por técnicas modernas e problemas práticos de organização geral.

Werneck (1940) propõe que o curso seja dado em três níveis: Curso de nível superior; Curso de bibliotecários-auxiliares e Curso de Catalogadores municipais.

As disciplinas propostas por Werneck (1940) abordam explicitamente tópicos de Organização do Conhecimento distribuídos da seguinte forma:

- a) Curso de Bibliotecários de nível superior: Primeiro ano - História e Métodos de Classificação; História e Métodos de Catalogação; Administração de Bibliotecas; e Documentos públicos; Segundo ano – Referência e Bibliografia; Paleografia e Diplomática; Iconografia; e Cartografia;
- b) Curso de Bibliotecário-auxiliar: 1º semestre – História Geral dos Livros e das Bibliotecas; História Literária; Referência e Bibliografia; Catalogação e Classificação; 2º semestre – Administração de bibliotecas; Folhetos, recortes e hemeroteca; Escolha e Aquisição de Livros; Bibliotecas e coleções especializadas (estágio em diversas bibliotecas).
- c) Curso de catalogares municipais: História da literatura brasileira (noções); História do Brasil; Organização de fichários e arquivos; Datilografia; Higiene e limpeza dos livros e das bibliotecas; 2º semestre – História do livro e das bibliotecas (Noções); Bibliografia nacional e regional; Catalogação e classificação (prática); Bibliotecas e coleções especializadas (estágio em diversas bibliotecas); Datilografia; e Encadernação.

A proposta de Werneck (1940) apresenta pela primeira vez a preocupação dos conteúdos relacionados a Organização do Conhecimento serem ministrados em disciplinas específicas nos três níveis.

Em 1944, como já mencionado, o Decreto nº 15395 aprova o Regulamento dos Cursos da BN a que se refere o art. 8º do Decreto-lei nº 6440/19944. O Decreto apresenta a organização do curso em 1944 tendo similaridades com o que havia sido proposto por Werneck.

Nas pesquisas realizadas no Arquivo Central da UNIRIO encontramos dois programas de disciplinas específicas de Catalogação e Classificação sem assinatura de professor. O primeiro é o “Programa de Catalogação e Classificação – 1946” para o Curso Fundamental; o segundo é o “Programa de Catalogação e Classificação – 1947” para o Curso Superior”.

O programa do curso fundamental contemplava os seguintes conteúdos:

Catalogação

1. Catalogação – Definição, histórico e objetivos;
2. Funções e formas do catálogo. Catálogos principais e auxiliares;
3. Leitura técnica do livro. Partes do livro;
4. O sistema da ficha única (dimensões, margens, espaços, etc);
5. Códigos de catalogação. Código da American Library Association. Código da Biblioteca Vaticana;
6. Palavra de ordem. Cabeçalho de ficha principal. Entrada de autor. Autores pessoais;
7. Forma do nome e autores;
8. Entidades coletivas como autores. Publicações oficiais;
9. Publicações de instituições, sociedades e outras entidades;
10. Anônimos. Livros clássicos e sagrados;
11. Obras em colaboração. Enciclopédias;
12. Periódicos. Séries;
13. Descrição de livro. Título.
14. Notas bibliográficas.
15. Notas tipográficas;
16. Pontuação e uso de maiúsculas na ficha;
17. Notas especiais. Edições e duplicatas;
18. Catalogação analítica;
19. Cabeçalhos de assuntos;
20. Arrumação das fichas no catálogo;
21. Catálogo sistemático. Índice complementar;
22. Coleção de referência do catalogador;
23. Catalogação cooperativa.

Classificação

1. Definição, histórico e objetivos;

2. Classificação de ciências e classificação de livros;
3. O Sistema Decimal de Melvil Dewey. Sistema da Biblioteca do Congress. Classificação Universal de Bruxelas;
4. Classes do Sistema Decimal de Melvil Dewey;
5. Número de forma. Índice relativo;
6. Tabelas de Cutter-Sanborn e Biscoe;
7. Organização do Serviço de Catalogação e Classificação.

O programa do curso superior contemplava em primeiro lugar a revisão da matéria no 1º ano, fazendo-se comparativo das regras do Código da Vaticana e da A.L.A. A seguir:

Catalogação

1. Material de referência para catalogar;
2. Fichas de identidade (bibliográficas ou de sutoridade) para autores individuais e coletivos;
3. Autores pessoais;
4. Nomes geográficos;
5. Entidades coletivas como autores;
6. Anônimos;
7. Fichas analíticas;
8. Periódicos e séries;
9. Notas tipográficas;
10. Notas bibliográficas;
11. Notas especiais;
12. Cabeçalhos de assunto: critério geral, características do Catálogo Dicionário;
13. Materiais biográficos e outras referentes a indivíduos ou grupos de pessoas;
14. Subdivisões de assuntos: países, cidades, etc;
15. Subdivisões de forma;
16. Línguas e literaturas no Catálogo Dicionário;
17. Estudo comparado de formas de ordenação alfabética;
18. Arranjo dos catálogos: fichas divisórias; fichas temporárias. Separação do Catálogo Dicionário em dois ou três repertórios;

19. O catálogo sistemático. Compilação do índice complementar para o Catálogo Sistemático;
20. Catalogação cooperativa. Centralização dos serviços de catalogação. Custo de Catalogação;
21. Noções sobre a catalogação de materiais especiais: cartas geográficas, músicas e incunábulo;
22. Catálogos coletivos.

Classificação

1. Classificação decimal de Dewey: revisão da matéria lecionada no 1º ano em que será estudada, principalmente em exercícios práticos, divididos por assuntos.
 - a) Obras gerais;
 - b) Filosofia. Religião;
 - c) Ciências Sociais;
 - d) Filosofia. Literatura;
 - e) História. Biografia;
 - f) Ciências Puras;
 - g) Ciências aplicadas;
2. Classificação de Bruxelas: suas características. Seu uso.
3. Classificação da Biblioteca do Congresso (Library of Congress): suas características. Organização e uso das tabelas. Esta classificação será estudada em detalhe, seguindo-se os agrupamentos das classes, conforme vêm adiante mencionados:
 - a) Esquema geral das classes;
 - b) Obras gerais – Poligrafia;
 - c) Z. Bibliografia – Biblioteconomia;
 - d) B – Bj. Filosofia;
 - e) BL – BX. Religião;
 - f) C – D História (exceto da América) Genealogia;
 - g) E – F. História da América;
 - h) G. Geografia. Antropologia.
 - i) H – J. Ciências sociais, econômicas e políticas;
 - j) L. Educação;
 - k) M. Música;

- l) N. Belas Artes;
- m) P – PZ Língua e literatura, Ficção e literatura juvenil em inglês;
- n) Q. Ciências;
- o) R. Medicina;
- p) S. Agricultura;
- q) T. Tecnologia. Ciência militar;
- r) V. Ciência naval.

4. Organização dos serviços de catalogação e classificação.

A análise dos “Programas de Catalogação e Classificação – 1946” para Curso Fundamental e “Programa de Catalogação e Classificação – 1947” para Curso Superior foi extremamente significativo, não somente por trazer os tópicos relacionados à Organização do Conhecimento de forma detalhada, mas também por trazer em seu bojo a mudança no oferecimento do curso a partir do Decreto nº 15395.

Este foi o último programa encontrado na pesquisa nos arquivos da UNIRIO que pertencem ao período de cobertura da pesquisa. Foram encontrados e selecionados vários outros programas, mas os mesmos pertencem à década de 1970 e 1980.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo geral da pesquisa foi delinear o caminhar teórico-metodológico desenvolvido pelo Curso de Biblioteconomia da Biblioteca Nacional, especificamente os elementos de fundamentação teórico-prático do ensino de Organização e Representação do Conhecimento (ORC) no contexto brasileiro.

Para tanto, a pesquisa teve como período de cobertura espaço-temporal os anos de 1915 a 1968 (primeira e segunda fase do curso).

O objetivo geral foi em parte alcançado, pois pelas análises realizadas foi possível considerar que em um primeiro momento que os tópicos de Organização do Conhecimento eram contemplados de maneira “espalhadas” nas quatro disciplinas iniciais do Curso de Biblioteconomia da BN.

Consideramos que essa forma de contemplar os tópicos priorizava as especificidades de cada documento que era analisado, tratado, organizado, armazenado com fins de sua recuperação. Essa conclusão em parte deve-se pela forma que o programa das disciplinas estava disposto e, principalmente, porque cada programa das disciplinas iniciais do curso trazia o tópico “Partes do documento”, ou seja, profissional estava sendo preparado para identificar o documento, suas peculiaridades expostas em suas partes e, após essa identificação, proceder ao tratamento documento, seja ele no âmbito da catalogação ou classificação.

Em um segundo momento, podemos considerar que o ensino de Organização de Conhecimento foi se desenvolvendo tendo como influência as demandas históricas, sociais e políticas da época. Isso pode ser visto identificado nos outros documentos analisados que de certa forma contemplavam o conteúdo das disciplinas ministradas.

Essas influências podem ser destacadas principalmente nos programas analisados referentes aos anos de 1946 e 1947 que demonstram as mudanças projetadas em 1940 por Werneck. Essas mudanças tinham como orientação o desejo de “modernizar” o ensino de Biblioteconomia da BN tendo como influência o ensino tecnicista americano do Curso de Biblioteconomia de São Paulo do Instituto Mackenzie.

Em relação aos objetivos específicos, consideramos que foram alcançados parcialmente, pois a pesquisa documental no Arquivo do CCH (Centro de Ciências Humanas e Sociais) da UNIRIO trouxe resultados muito ricos, mas vários

documentos não foram localizados devido à parte da documentação não estar organizada. Mesmo com o baixo retorno de documento podemos afirmar que as fontes primárias selecionadas foram fundamentais para as análises realizadas.

Esperamos que essas análises possam proporcionar um olhar científico para o currículo da primeira escola de Biblioteconomia do Brasil, e da América Latina, fazendo emergir os documentos que construíram historicamente o discurso sobre o Ensino de Biblioteconomia no Brasil. Discurso com caráter socialmente construído, das formas de consciência e de conhecimento, com relações com estruturas sociais, institucionais e econômicas, que também são componentes históricos, sociais, contingentes e arbitrários.

REFERÊNCIAS

ALVES, Constancio. **Dissertações sobre a história dos livros manuscritos**. Rio de Janeiro, [192-]. (Loc. I-48,5,9 – DM).

ALVES, Constancio. **Dissertações sobre a história dos livros manuscritos**. Rio de Janeiro: [s.n.], [192-]. Manuscrito.

ALVES, Constancio. Uso do couro na antiguidade como moeda e material de escrita –
resumo dos pontos sobre o papiro e o pergaminho. In:_____. **Dissertações sobre a história dos livros manuscritos**. Rio de Janeiro: [s.n.], [192-]. Manuscrito.

ALVES, Constancio. Palimpsesto. In:_____. **Dissertações sobre a história dos livros manuscritos**. Rio de Janeiro: [s.n.], [192-]. Manuscrito.

ALVES, Constancio. Miniatura. In:_____. **Dissertações sobre a história dos livros manuscritos**. Rio de Janeiro: [s.n.], [192-]. Manuscrito.

ALVES, Constancio. Formatos. In:_____. **Dissertações sobre a história dos livros manuscritos**. Rio de Janeiro: [s.n.], [192-]. Manuscrito.

ALVES, Constancio. Encadernacao. In:_____. **Dissertações sobre a história dos livros manuscritos**. Rio de Janeiro: [s.n.], [192-]. Datilografado.

ALVES, Constancio. Ornamentacao do livro. In:_____. **Dissertações sobre a história dos livros manuscritos**. Rio de Janeiro: [s.n.], [192-]. Manuscrito.

ALVES, Constancio. Crysographia. In:_____. **Dissertações sobre a história dos livros manuscritos**. Rio de Janeiro: [s.n.], [192-]. Manuscrito.

BARITÉ, M. Organización del conocimiento: un nuevo marco teórico-conceptual en Bibliotecología y Documentación. In: CARRARA, K. (Org.). **Educação, universidade e pesquisa**. Marília: Unesp-Marília-Publicações, 2001. p. 35-60.

BIBLIOTECA NACIONAL (Brasil). Anexo A: quadro do pessoal em exercicio do anno de 1895. *Annaes da Bibliotheca Nacional*, Rio de Janeiro, v. 18, 1896.

BIBLIOTECA NACIONAL (Brasil). A Bibliotheca Nacional em 1910. relatorio. **Annaes da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro**, Rio de Janeiro, 1911, v. 33, p. 649-684.

BIBLIOTECA NACIONAL (Brasil). A Bibliotheca Nacional em 1911: relatorio. **Annaes da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro**, Rio de Janeiro, v. 34, 1912.

BIBLIOTECA NACIONAL (Brasil). A Bibliotheca Nacional em 1912: relatorio. **Annaes da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro**, Rio de Janeiro, v. 35, 1913.

BIBLIOTECA NACIONAL (Brasil). A Biblioteca Nacional em 1913: relatório. **Annaes da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro**, Rio de Janeiro, v. 36, 1914.

BIBLIOTECA NACIONAL (Brasil). A Biblioteca Nacional em 1914: relatório. **Annaes da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro**, Rio de Janeiro, v. 37, 1915.

BIBLIOTECA NACIONAL (Brasil). A Biblioteca Nacional em 1915: relatório. **Annaes da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro**, Rio de Janeiro, v. 38, 1916.

BIBLIOTECA NACIONAL (Brasil). A Biblioteca Nacional em 1916: relatório. **Annaes da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro**, Rio de Janeiro, v. 39, 1917.

BIBLIOTECA NACIONAL (Brasil). A Biblioteca Nacional em 1917: relatório. **Annaes da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro**, Rio de Janeiro, v. 40, 1918.

BIBLIOTECA NACIONAL (Brasil). A Bibliotheca Nacional em 1918 e 1919: relatórios. **Annaes da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro**, Rio de Janeiro, v.41/42, 1919/1920.

BIBLIOTECA NACIONAL (Brasil). A Bibliotheca Nacional em 1920 e 1921: relatórios. **Annaes da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro**, Rio de Janeiro, v.43, 1921/1922.

BIBLIOTECA NACIONAL (Brasil). A Bibliotheca Nacional em 1923: relatório. **Annaes da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro**, Rio de Janeiro, v. 45, 1923.

BIBLIOTECA NACIONAL (Brasil). A Biblioteca Nacional em 1932: relatório. **Anais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro**, Rio de Janeiro, v. 54, 1932.

BIBLIOTECA NACIONAL (Brasil). A Biblioteca Nacional em 1933: relatório. **Anais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro**, Rio de Janeiro, v. 55, 1933.

BIBLIOTECA NACIONAL (Brasil). A Biblioteca Nacional em 1934: relatório. **Anais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro**, Rio de Janeiro, v. 56, 1934.

98

BIBLIOTECA NACIONAL (Brasil). A Biblioteca Nacional em 1935: relatório. **Anais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro**, Rio de Janeiro, v. 57, 1935.

BIBLIOTECA NACIONAL (Brasil). A Biblioteca Nacional em 1936: relatório. **Anais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro**, Rio de Janeiro, v. 58, 1936.

BIBLIOTECA NACIONAL (Brasil). A Biblioteca Nacional em 1937: relatório. **Anais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro**, Rio de Janeiro, v. 59, 1937.

BIBLIOTECA NACIONAL (Brasil). A Biblioteca Nacional em 1938: relatório. **Anais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro**, Rio de Janeiro, v. 60, 1938.

BIBLIOTECA NACIONAL (Brasil). A Biblioteca Nacional em 1939: relatório. **Anais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro**, Rio de Janeiro, v. 61, 1939.

BIBLIOTECA NACIONAL (Brasil). **A Biblioteca Nacional em 1940: relatório. Anais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro**, Rio de Janeiro, v. 62, 1940.

BIBLIOTECA NACIONAL (Brasil). **A Bibliotheca Nacional em 1929**: relatório que ao Sr. Dr. Augusto de Vianna do Castello ministro da justiça e negócios interiores apresentou em 15 de fevereiro de 1930 o director geral Dr. Mario Behring. Rio de Janeiro, 1930. Datilografado.

BIBLIOTECA NACIONAL (Brasil). **Cinquenta anos de biblioteconomia, 1915-1965**:

Exposicao comemorativa do cinquentenario dos cursos de biblioteconomia da Biblioteca Nacional. Rio de Janeiro: 1965.

BIBLIOTECA NACIONAL (Brasil). **Constâncio Alves**. 1915a. 1 fotografia, p&b.

BIBLIOTECA NACIONAL (Brasil). **Guia da Biblioteca Nacional**: sesquicentenario – 1810-1960. Rio de Janeiro, [1960]. 64 p.

BIBLIOTECA NACIONAL (Brasil). **Livro do pessoal da B.N., com indicação do cargo datas e nomeações e saídas, idade, naturalidade, entre outros**. Rio de Janeiro: [s.n.], 1902. Manuscrito.

BIBLIOTECA NACIONAL (Brasil). **Livro com guias de assistência social dos funcionários da B.N.** Rio de Janeiro: [s.n.], [1946-1950]. Datilografado.

BIBLIOTECA NACIONAL (Brasil). **Mesa que presidiu á solenidade da inauguração do curso de biblioteconomia, na Biblioteca Nacional, em 10 de abril de 1915**. 1915b. 1 fotografia, p&b.

BIBLIOTECA NACIONAL (Brasil). **Programma de Bibliographia**. Rio de Janeiro: [s.n.], 1936.

BIBLIOTECA NACIONAL (Brasil). **Programmas do curso de Bibliotheconomia para o anno de 1917**. Rio de Janeiro, 1917. 8 p. 99

BIBLIOTECA NACIONAL (Brasil). **Relação nominal dos professôres e assistentes e auxiliares de ensino dos cursos de Biblioteconomia da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: [s.n.], [194-].

BIBLIOTECA NACIONAL (Brasil). **Relatório apresentado ao Snr. Diretor da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, pelo bibliotecário da classe J, João Carlos Moreira Guimarães, respondendo pelo expediente da 4ª Secção e relativo ao mês de fevereiro de 1941**. Rio de Janeiro: [s.n.], 1941a.

BIBLIOTECA NACIONAL (Brasil). **Relatório apresentado ao Snr. Diretor da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, pelo bibliotecário da classe J, Pedro Rodrigues da Cunha, servindo de Diretor da 4ª Secção e relativo ao mês de janeiro de 1941**. Rio de Janeiro: [s.n.], 1941b.

BIBLIOTECA NACIONAL (Brasil). **Relatório correspondente ao ano de 1947 apresentado ao sr. chefe de Leitura Geral e Referência em janeiro de 1948.** Rio de Janeiro: [s.n.], 1948.

BIBLIOTECA NACIONAL (Brasil). **Requerimento ao diretor da Biblioteca Nacional Manuel Cícero Peregrino da Silva, pedindo inscrições no curso de Biblioteconomia.** Rio de Janeiro, 1906-1918. [88 p.]. 58 documentos.

CAPES. COORDENAÇÃO DE APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL DO ENSINO SUPERIOR. Relação do cursos recomendadas e reconhecidos: grande área ciências sociais aplicadas. 2012. Disponível em: < <http://conteudoweb.capes.gov.br/conteudoweb/ProjetoRelacaoCursosServlet?acao=pesquisarles&codigoArea=60700009&descricaoArea=CI%CANCIA+SOCIAIS+APLICADAS+&descricaoAreaConhecimento=CI%CANCIA+DA+INFORMA%C7%C3O&descricaoAreaAvaliacao=CI%CANCIA+SOCIAIS+APLICADAS+I> >. Acesso em: 25 setembro 2012.

CHARTIER, R. **Leituras e leitores na França do Antigo Regime.** São Paulo: Ed. UNESP, 2004.

DAHLBERG, Ingetraut. Knowledge organization: a new science? **Knowledge Organization**, Frankfurt, v.33, n.1, p. 11-19, 2006.

DAHLBERG, Ingetraut. Knowledge organization: its scope and possibilities. **Knowledge Organization**, Würzburg, v. 20, n.4, p. 211-222, 1993.

FUJITA, M. S. L. . Organização do conhecimento: algumas considerações para o tratamento temático da informação. In: Kester Carrara. (Org.). **Educação, universidade e pesquisa.** Marília: UNESP-Marília-Publicações, 2001, v. , p. 29-34.

GUIMARÃES, José Augusto Chaves. Perspectivas de ensino e pesquisa em organização do conhecimento em cursos de biblioteconomia do Mercosul: uma reflexão. In.: ENCUENTRO DE EDIBIC, 5., 2000, Granada. **La formación de profesionales e investigadores de La información para La sociedad del conocimiento:** actas... Granada: Univeresidad de Granada, Facultad de Biblioteconomia y Documentación, 2000, p. 206-216.

HJORLAND, Birger. Fundamentals of knowledge organization. **Knowledge Organization**, v.30, n.2, p. 87-111, 2003.

HJORLAND, B. Nine principles of knowledge organization. In: ALBRECHTSEN, H.; ORNAGER, S. (Ed.). **Knowledge organization and quality management.** Frankfurt/Main: Indeks, 1994. p. 91-100. (Advances in Knowledge Organization, v. 4).

MAI, J.-E. Classification in context: relativity, reality, and representation. **Knowledge Organization**, Würzburg, v. 31, n. 1, p. 39-48, 2004.

MIRANDA, M. L. C. A organização do conhecimento e seus paradigmas científicos: algumas questões epistemológicas. **Informare: Cadernos do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 2, p. 64-77, 1999.

PINHO, F. A. **Fundamentos da organização e representação do conhecimento**. Recife: UFPE, 2009

RAFFERTY, P. The representation of knowledge in library classification schemes. **Knowledge Organization**, Würzburg, v. 28, n. 4, p. 180-191, 2001.

SILVA, T. T. **Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo**. 3.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

SOUZA, F. C. O discurso sobre a educação em Biblioteconomia e Ciência da Informação no Brasil: caminhos teóricos-metodológicos para a compreensão. In: CUNHA, M. V.; SOUZA, F. C. **Comunicação, gestão e profissão: abordagens para o estudo da Ciência da Informação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006. p. 151-172.

SOUZA, F. C. **O ensino da Biblioteconomia no contexto brasileiro**. Florianópolis: UFSC, 1990.

WEITZEL, S. R. **Origem e fundamentos do ensino do Desenvolvimento de Coleções: a partir da 1ª fase do Curso de Biblioteconomia da Biblioteca Nacional**. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 2009. Relatório de Pesquisa.

WERNECK, Heloisa Cabral da Rocha. **Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro: (projeto de reforma)**. Rio de Janeiro: Sociedade Brasileira de Bibliotecários, Comissão de Organização e Administração, 1942. 83 p. (Série Documentação Biblioteconômica, Fascículo 1).

WERNECK, Heloisa Cabral da Rocha. Curso de aperfeiçoamento na Universidade de Michigan: relatório apresentado pela bibliotecária Heloisa Cabral da Rocha Werneck. In: _____. **Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro: (projeto de reforma)**. Rio de Janeiro: Sociedade Brasileira de Bibliotecários, Comissão de Organização e Administração, 1942. (Série Documentação Biblioteconômica, Fascículo 1). p. 50-67.

WERNECK, Heloisa Cabral da Rocha. **Instruções para o primeiro curso intensivo de Biblioteconomia para cegos, para bibliotecários e assistentes sociais videntes**. Rio de Janeiro: [s.n.], 1944.

WERNECK, Heloisa Cabral da Rocha. Uma opinião sobre Biblioteconomia. In: _____. **Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro: (projeto de reforma)**. Rio de Janeiro: Sociedade Brasileira de Bibliotecários, Comissão de Organização e Administração, 1942. (Série Documentação Biblioteconômica, Fascículo 1). p. 39-48.